



VERA CRUZ

**ATROPELAR**  
**PENSAMENTOS**  
com  
**LIVRO DE CONTOS**

*Ensino Médio - 2ª série*

**ATROPELAR**  
**com**



VERA CRUZ

*Ensino Médio - 2ª série*

**PENSAMENTOS**

**LIVRO DE CONTOS**

# ATROPELAR COM **PENSAMENTOS**

Livro de Contos — 2ª série 2024 — Ensino Médio



## **Direção Geral**

Heitor Fecarotta

## **Direção de Gestão**

Marcelo Chulam

## **Direção Pedagógica**

Regina Scarpa

## **Coordenação**

Ana Bergamin

## **Organização**

*Professor de Redação – 2ª série do EM*

Luiz Venâncio Aiello

*Professora orientadora – 2ª série do EM*

Lilian Spalding Degani

*Psicóloga escolar*

Maria Teresa de Oliveira Lima

## **Edição, revisão e projeto gráfico**



São Paulo, novembro de 2024

## Sumário

<b>L V Aiello</b>	
Prefácio.....	9
<b>Katharina Rinzler</b>	
Um Cachorro .....	11
<b>Pedro Dias</b>	
[sem título].....	14
<b>Nina Humber</b>	
Saber dirigir .....	15
<b>Helena Raw</b>	
[sem título].....	19
<b>Pedro Ortega</b>	
Jornada .....	20
<b>Marina Moniya</b>	
[sem título].....	23
<b>Luana Harue</b>	
Não fui.....	24
<b>Laila Halpern</b>	
[sem título].....	26
<b>Laura Scotti</b>	
Tudo vai ser melhor agora .....	27
<b>Matheus Bachega</b>	
[sem título].....	29
<b>Gustavo Vieira</b>	
Perspectivas.....	30

<b>Henrique Veloso</b>	
Duelo .....	32
<b>Vinicius Furuno</b>	
Incendeia-me.....	33
<b>Rafaela Angelim</b>	
Prestar atenção.....	35
<b>Gabriela Guido</b>	
O carma .....	40
<b>Gabriela Gontijo</b>	
Toda mulher enlouquece aos 13 anos .....	42
<b>Paulo Lima</b>	
A monotonia da velha vida .....	45
<b>Murilo Fecher</b>	
Para o Douglas.....	48
<b>Mariana Vasconcelos</b>	
[sem título].....	51
<b>Matheus de Pinho Szenttamasy</b>	
Cair .....	52
<b>Benjamin Tahira</b>	
[sem título].....	55
<b>Luiza Rezende</b>	
O último relato .....	56
<b>Rosa Glogowski</b>	
A tão renomada performance de nosso cisne negro .....	58
<b>Laura Ralitera</b>	
Talvez, se eu estivesse sozinha, fosse mais fácil.....	61
<b>Lara de Oliveira</b>	
Festa .....	65
<b>Laura Parente</b>	
[sem título].....	67
<b>Maria Beatriz Capobianco</b>	
Não confie em ninguém.....	68
<b>Henrique Cosate</b>	
Acontecimento .....	70

<b>Antonio Sarti</b>	
O limite invisível .....	71
<b>Lucas Peralta</b>	
Livramento.....	74
<b>Martin Sasserant</b>	
Meu amigo maldoso.....	80
<b>Manuela Trotta</b>	
Implorava que parasse .....	82
<b>João Pedro Haipek Campos</b>	
O mistério da Fazenda Maristela.....	83
<b>Helena Angelim</b>	
[sem título].....	86
<b>Emanuel Pires</b>	
Progressão .....	87
<b>Isabela Palma</b>	
Ansiosa .....	91
<b>Suzana Crespim</b>	
Desafio.....	93
<b>Mila Rubinstein Joseph</b>	
Corredores de sangue.....	95
<b>Gabriel Queiroz</b>	
[sem título].....	97
<b>André Ribeiro</b>	
A vida vale uma garrafa? .....	98
<b>William Oliveira</b>	
Problemas familiares.....	100
<b>Gabriela Farias Chagas</b>	
O peso da ganância.....	101
<b>Heloísa Sulzer</b>	
Bagunça .....	103
<b>Lucas Marchetti</b>	
Tributo à vida.....	104
<b>Felipe Fonseca</b>	
Menino safado .....	106

<b>Thomas Burmester</b>	
A paixão .....	107
<b>Vinícius Zini</b>	
[sem título].....	109
<b>Gabriel Padilha</b>	
Amizade toda vida.....	110
<b>Enrico Giannoni</b>	
[sem título].....	114
<b>Enrico Nasr</b>	
Raízes de concreto .....	115
<b>Isabela Vasconcellos</b>	
[sem título].....	118
<b>Guilherme Ferreira</b>	
Repetição.....	119
<b>Francisco Piaç</b>	
Invasão.....	122
<b>Eric Havt</b>	
Luz no coração.....	123
<b>Matheus Vieira</b>	
Em busca de um bem maior .....	127
<b>Gabriel Giglio</b>	
[sem título].....	129
<b>Marina Jensen</b>	
Ética médica.....	130
<b>Pedro Gonçalves</b>	
[sem título].....	133
<b>Ana Ladeira Tavares</b>	
Chocolate .....	134
<b>Caio Gasparini</b>	
Coração de gelo.....	136
<b>Joaquim Filinto</b>	
Ninguém se importa .....	138
<b>Maya Losic</b>	
A menina que vivia sonhando .....	141

<b>Eduardo Gorski</b>	
Monstros SA no Himalaia .....	144
<b>Henrique Becker</b>	
Ganância do homem.....	145
<b>Maria Clara Maia</b>	
Após a enxurrada .....	147
<b>Augusto Ferrari Pompeu de Toledo</b>	
A prisão do ser .....	149
<b>Francisco Viola</b>	
Pacotes.....	153
<b>Lucas Peccin</b>	
Cachorro boleiro .....	157
<b>Juan Chiachiarini</b>	
A missão impossível .....	160
<b>Isabel Tavares</b>	
Vingança.....	163
<b>Beatriz de Paula</b>	
Olho mágico.....	167
<b>João Pedro Paz</b>	
Troia.....	171
<b>Rodrigo Horn</b>	
Areia .....	174
<b>Leonardo della Mana</b>	
Um garoto, dois sonhos.....	179
<b>Pedro Barcha</b>	
Os fatores que nunca conspiram a favor .....	179
<b>Pedro Salles</b>	
Vínculo .....	181
<b>Rafael Ohta</b>	
As palavras do dragão: a coragem de Clara .....	185
<b>Matheus Menezes</b>	
Baki.....	188
<b>Maria Clara Ribeiro</b>	
O céu do inferno.....	190



## L V Aiello

# Prefácio

Se responder à pergunta “qual é a função da literatura?” é impossível, sobretudo se dispusermos de menos do que milhares de páginas para ensaiar uma resposta, perguntar qual é a função da escrita literária na escola, apesar de ser menos pretensioso, não nos leva mais facilmente a alguma afirmação simples.

As funções são muitas; não estando necessariamente, porém, ligadas a uma transferência mensurável de conteúdos. Pode-se dizer, desse modo, que escrever literatura na escola constrói conhecimento; todavia, conhecimento que, por sua própria natureza e amplitude, é mais refratário à medição e quantificação do que no caso de alguns outros dos tradicionais conteúdos escolares.

A experiência como professor de escrita — inclusive literária — me autoriza, entretanto, a algumas afirmações. Quem escreve literatura na escola compreende melhor as próprias preferências literárias, tornando-se, por conseguinte, melhor leitor. Quem escreve literatura na escola desenvolve seu domínio da linguagem — não um domínio necessariamente aplicável a gêneros não literários; porém, mesmo assim,

relevante. Quem escreve literatura na escola desenvolve sua compreensão das estruturas narrativas para além das formas literárias (por exemplo, no teatro, no cinema, na TV). Quem escreve literatura na escola conhece um pouco melhor a si mesmo/a.

E é este último aspecto que eu gostaria de realçar.

A afirmação pode soar um pouco piegas, mas é bonito de se ver, em tantos dos textos deste livro, momentos marcantes da vida tematizados, elaborados e reinventados em forma escrita. Vários desses textos emocionam. E se isso não encerra os motivos para que sejam lidos, sem dúvida faz parte deles.

Os contos desta publicação foram produzidos em uma pequena sequência didática que teve ensejo no início do 2º semestre de 2024. Tal sequência deu à luz não apenas textos um pouco mais longos, mas também mini e microcontos. Independentemente da forma escolhida, praticamente todos os alunos da 2ª série de 2024 do Ensino Médio do Vera estão representados neste livro.

Esperamos que o apreciem e desde já agradecemos à Escola e às famílias por proporcionarem a nossos/as estudantes momentos como este; uma experiência rica, ainda que breve, de criação literária que, apesar de ser de difícil definição do ponto de vista utilitário, marca quem dela participa em toda a sua relação com a literatura.

Boa leitura!

**Luiz Venâncio Aiello** é professor de Redação da 2ª série do EM da Escola Vera Cruz.

## Katharina Rinzler

### Um cachorro

Era um dia como todos os outros dias de verão. Nem muito sol, nem muito frio. O velho se levantava da cama nem muito cedo nem muito tarde para fazer seu café nem muito amargo nem muito doce. Um dia comum.

O telefone não estava quebrado, mas nunca tocava. O mesmo com a campainha: não estava quebrada, mas não tocava nunca.

O velho, como todos os outros dias, ia à janela fumar um único cigarro enquanto olhava a rua que, apesar de não ser fechada, não contava com a passagem de um único carro.

Apesar de o dia ser um dia comum, um dia como todos os outros, um dia em que o velho levantou da cama nem muito cedo nem muito tarde, um dia em que o café não estava nem muito doce nem muito amargo, um dia em que o telefone, que não estava quebrado, não tocou, um dia em que nem um único carro passava na rua, o velho, enquanto fumava seu único cigarro, ouviu a campainha.

A campainha, que não estava quebrada, mas que não tocava nunca, tocou. O velho, surpreendido, mas também incomodado pela intermissão da campainha em sua rotina diária, teve de apagar seu cigarro na metade para atender a porta.

Olhou pelo olho mágico, mas não avistou ninguém. Novamente, estranhou. Rodou a chave, já encontrada na fechadura, e abriu a porta.

Um cachorro.

Nem muito pequeno, nem muito grande. Mas aparentava ter idade. Sentado, olhava fixamente para o velho.

O velho, surpreendido e incomodado, mas também confuso, ficou irritado e mandou aquele cachorro ir embora, apontando para o final do corredor. Ele nem se moveu. Continuou sentado, olhando para o velho, abanando o rabo.

O velho, cada vez mais confuso, esticou a perna e empurrou com o pé aquele cachorro, que se levantou, soltou um único latido e correu para dentro da casa.

O velho correu atrás. Mas aquele cachorro era mais ágil. Corriam em volta da mesa onde o velho havia feito seu café. Corriam pelos corredores da casa. O velho se agachava tentando alcançar aquele cachorro, mas sem sucesso. Até que o velho cansou de correr atrás. Fechou a porta da casa, foi para o quarto e se sentou em sua cama, olhando para aquele cachorro, que havia o seguido e se sentado no carpete no chão do quarto. Aquele cachorro olhava de volta para o velho. Aquele velho olhava para o cachorro.

Se levantou e foi para a cozinha. Abriu a porta do forno: havia dois pedaços de carne do dia anterior. Pegou um e deu para o cachorro, que novamente o havia seguido.

Voltaram para o quarto. O velho se deitou na cama, e o cachorro no carpete. Adormeceram.

Não era um dia como todos os outros dias de verão. Mais sol do que frio. O velho se levantou da cama no susto, mais tarde do que cedo.

O cachorro estava deitado ao seu lado, na cama. Naquele dia, o café ficou mais doce do que amargo.

O velho fumou seu único cigarro, com a companhia do cachorro.

O sol chegava cada vez mais perto do horizonte.

Adormeceram.

Não era um dia como todos os outros dias de verão. Mais frio do que sol. O cachorro se levantava da cama, mais cedo do que tarde. Aquele velho estava deitado no carpete. ●

# Pedro Dias

## [sem título]

Ao atravessa a rua à noite, ele viu a luz. ●

## Nina Humber

### Saber dirigir

Eu não devia estar ali.

Eu não queria estar ali.

Mas eu estava, não é?

Agora que já estava, tinha que estar.

Não sabia que horas ia voltar para casa.

Nem se iria voltar para casa.

Porque eu já nem sabia mais onde estava.

Sei que eu peguei o carro e virei à direita, depois à direita de novo, mais uma vez à direita e então à direita, até perceber que eu tinha dado uma volta no quarteirão, aí eu peguei a esquerda.

Depois de virar à esquerda e à direita em quantidades iguais, para não ficar injusto, tive que parar de repente porque algo passou na frente do meu carro.

Saí do carro.

Era um cachorro.

Peguei o cachorro e coloquei no carro.

Eu e o cachorro seguimos o caminho.

Virei à esquerda.

O cachorro fez xixi no carro.

Tudo bem. Não era meu mesmo.

Virei à direita.

Tive que parar subitamente de novo.

Eu e o cachorro batemos de cara no vidro, porque tinha algo na frente do carro.

Saí do carro.

Era um gato.

Voltei para o carro.

Tenho alergia a pelo de gato.

O cachorro disse que também tem.

Eu e o cachorro seguimos caminho.

Víramos direitas e esquerdas em quantidades iguais, para não ficar injusto, até chegar a uma rotatória.

Dei várias voltas na rotatória.

O cachorro pediu para eu parar, então, eu tive que parar.

Seguimos reto, até perceber que no final da rua reta entraríamos numa avenida.

Eu tenho medo de avenidas.

Eu pedi para o cachorro para voltarmos e ele concordou.

Então eu voltei de ré.

Voltei de ré pela rua reta.

Voltei de ré pela rotatória, dando todas as voltas de ré.

Até o cachorro pedir para eu parar, então, eu tive que parar.



Voltei de ré pelas direitas e esquerdas em quantidades iguais, para não ficar injusto.

Passei de ré pelo gato, que acenou para nós.

Eu e o cachorro acenamos de volta.

Eu acenei com as duas mãos, então, o cachorro teve que assumir o volante por alguns segundos, mas depois ele me deixou dirigir de novo.

Voltei de ré pela direita, depois pela esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, esquerda, esquerda, direita, direita, direita e esquerda.

Percebi que cheguei, então, tive que virar à direita quatro vezes para dar a volta no quarteirão.

Eu e o cachorro descemos do carro.

Entramos em casa correndo.

Um menino veio correndo.

Ele tinha uma vassoura na mão.

Sáímos correndo.

Tentava me lembrar desde quando eu tinha filhos, enquanto eu corria.

Lembrei que não tinha quando o menino me acertou na cabeça com a vassoura.

Lembrei também o porquê de eu não ter filhos, enquanto um galo se formava na minha cabeça.

Acordei não sei quanto tempo depois.

O menino e o cachorro me encaravam.

O cachorro fingia que não me conhecia.

Olhei para o menino e me assustei.

Achei que olhava no espelho.

Eu estava jovem assim?

Será que eu tinha um filho mesmo?

Até que minha mãe entrou na sala.

“Você fez a lição de casa, filho?”

“Sim, mãe” — eu e o menino respondemos em uníssono.

Olhei para o menino e percebi então.

Voltei tanto de ré que parei no passado.

Perguntei em que ano estávamos.

“1955.”

Me senti como Marty McFly, pronto para resgatar o amor entre meus pais.

Mas, então, não me senti mais.

Não senti mais nada.

O cachorro sumiu. O menino sumiu. Marty sumiu. Minha mãe sumiu.

Até que ela entrou no quarto.

Fiquei com medo de ela perguntar se eu tinha feito a lição e eu ter que mentir de novo, porque na verdade não tinha feito.

Mas ela parecia preocupada, então, fui perguntar se ela tinha feito a lição.

Mas não conseguia falar.

Percebi que não conseguia me mover.

Olhei para baixo e percebi que tinha os braços engessados.

Percebi que estava deitado em uma maca.

Percebi que minha mãe chorava.

Percebi que eu não sabia dirigir. ●

# Helena Raw

## [sem título]

Morreu atropelado — por seus pensamentos. ●

## Pedro Ortega

### Jornada

Mais uma aula chata.

É meio-dia e eu estou derretendo nesse inferno dessa escola num calor de 30 graus.

Um som agudo toma conta do ar junto com uma névoa negra. Barulho alto. Desespero. Sangue. Desmaio.

Quando acordo, estou sentado na carteira, sozinho na sala.

Demoro para notar que há grandes olhos humanos em todos os cantos da sala encarando o fundo da minha alma.

“Você é um fardo para TODOS (*SEU NOME*, sim, você que está lendo)” — murmura uma boca enorme que havia surgido na lousa.

Eu acabo nem ligando muito, pois eu já tinha ouvido coisas parecidas a minha vida toda.

O que eu realmente estou pensando é que diabos está acontecendo. Provavelmente foi por conta daquele bagulho que eu tomei hoje mais cedo...

Ignorando completamente toda essa bizarrice, levanto da cadeira e saio como se nada tivesse acontecido.

Chegando no corredor, o vazio toma conta. O silêncio é bizarro. As luzes piscam e o ar tá pesado, como se alguma coisa invisível estivesse em cima de mim.

Mas eu não ligo, já me acostumei com esse peso constante: escola, expectativas dos outros, aquela sensação de não pertencer a lugar nenhum, decepcionar as pessoas com quem eu me importo.

Enquanto eu ando, tudo começa a ficar estranho. As paredes parecem se esticar e o chão fica torto, me fazendo quase cair. Quando olho para o fim do corredor, vejo uma figura parada lá.

É um cara alto, vestindo um terno velho e um chapéu. Seus olhos... vazios, sem nenhuma emoção. Ele só me encara, sem se mexer.

Meu coração dispara, mas continuo andando na direção dele, como se quisesse desafiar o medo. Quando chego perto, ele sussurra: *“Você nunca vai escapar... a maior prisão é a sua própria mente.”* Antes que eu possa reagir, ele se esvai e num instante torna-se pó.

Sigo andando. Cada porta que eu passo mostra algo mais estranho. Em uma sala, vejo meus poucos amigos, mas seus rostos tão derretendo, como se fossem feitos de cera. Em outra, vejo meus pais, presos numa cadeira, sem falar nada, só me olhando com aquele olhar triste. Numa outra sala, vejo as pessoas que eu já decepcionei e mesmo assim não desistiram de mim, acho que por dó. E, com cada passo que eu dou, as palavras do homem fazem mais sentido.

Do nada, uma porta no fim do corredor se abre com força e uma luz intensa sai de lá. Corro sem pensar duas vezes. Quando atravesso, me vejo num campo aberto, mas o céu é de um vermelho escuro e a grama parece queimada, como se tivesse acabado de rolar um incêndio ali.

No meio do campo, uma estátua gigante, mas não é uma estátua qualquer. Sou eu.

Uma versão grotesca, cansada, desesperada. Chego mais perto e vejo que a estátua segura um espelho. Quando olho meu reflexo, vejo meu rosto distorcido, quase irreconhecível. Eu pareço destruído, com marcas de cansaço e dor. É como se eu estivesse vendo a versão de mim que sempre tentei esconder. A versão com a qual eu me identificava. A versão que fingia que tava tudo bem.

Com uma decisão firme, viro o espelho pra trás. O reflexo some.

A estátua, que antes era pesada e bizarra, começa a se desfazer devagar, virando pó que o vento leva embora. O campo ao meu redor também começou a mudar. O céu vermelho vira um azul calmo e a grama queimada é trocada por um gramado vivo.

Acordo de repente, ainda sentado na mesma carteira de antes. Mas algo tá diferente. O peso que sempre me acompanhou ainda tá ali, só que agora parece mais leve, mais fácil de carregar. A sala, a escola, o mundo ao meu redor, tudo tá igual. Só que agora, eu sei que a verdadeira batalha tá rolando dentro de mim.

Ou será que tudo isso foi só mais uma viagem louca da minha cabeça? Vai saber... ●

# Marina Moniya

## [sem título]

Sem ar, voltou à superfície. Esvaziou a banheira. ●

## Luana Harue

### **Não fui**

Se deixasse, eu acho que eu ficava, é quando se deixa que vem o medo de não ficar.

Se deixasse, eu abandonava meus 16 e voltava só para os 6, pra ser feliz que nem criança é.

Se deixasse, eu saía desse quartinho, que foi construído por sei lá quem, sei lá quando, e ia.

Se deixasse, eu ia.

Mentira, eu já disse que eu ficava.

Se eu pudesse, eu cortava meus cabelos, mas eu os prefiro compridos.

Se eu pudesse, eu parava de escrever, só que aí eu me engasgo.

Se eu puder, eu desengasgo todo mundo, você, seu vizinho, seu cantor favorito, o moço que espreme seu suco de laranja, a moça que passa farinha na forma do pão que você come de café da manhã.

Eu odeio esses seus engasgos.



Se valesse, eu apagava metade, sem ressentimento.

Se valesse, eu vivia só com cola de um roteiro.

Se valesse, eu nem decidia mais nada.

Mas não quero ninguém escolhendo no meu lugar, na minha pele, na minha cabeça, no meu pescoço, na minha garganta, nas minhas mãos.

Eu tenho tudo nelas.

E se coubesse, eu botava mais letras no meu nome.

Se coubesse, eu desenhava mais naquele meu caderno que eu rasguei até a última folha.

Se coubesse, eu deixava espaço pra mais alguém, mas eu sei lá se eu quero que caiba.

Se eu quisesse, cabia.

Do mesmo jeito que, se eu quisesse, eu ia.

Não quero mais ficar.

Então, acho que vou. ●

# Laila Halpern

## [sem título]

Entrou no cemitério e viu seu nome na lápide. ●

**Laura Scotti**

## **Tudo vai ser melhor agora**

Os olhos molhados encaram-me do espelho, pobres esferas azuis, tão claras que por um triz não se mesclam com as grossas gotas pingando em meu tênis, roxo. Adoro esse tênis, tão velho e gasto, como eu, ou melhor, como ela, pobre ela. Olho para minhas mãos trêmulas enquanto as passo por meus longos cachos escuros, encaro-as novamente: sangue. As memórias me atingem como um soco, muito sangue. A faca cega, sangue pra caralho. Lembro da cozinha, da sala, da cama, tudo tinha você e ela, mas você não gostava dela, não, eu tinha que me livrar dela, sim, mas não, eu não queria, eu nunca quis. Por quê?

A porta, eu esqueci da porra da porta, rapidamente saio do banheiro e passo pelo carpete, vermelho, paro, não era assim, não era para ser assim.

“Vai dar trabalho pra limpar.”

Olho para a porta, a porcaria da porta, e você está lá, você me olha e olha pra ela, depois me olha de novo. Eu tremo completamente a cada passo que você dá, mais e mais perto de mim, penso em recuar, em sair correndo, em fugir, mas não o faço, eu nunca faço.

Você chega a centímetros de mim, lentamente segura meu rosto com as mãos, fecho meus olhos, assustada, sempre assustada, e suas

mãos, as mesmas mãos, mas que por algum motivo sempre parecem novos pares de dor, tocam minha pele mais uma vez, forte, mas não tão forte, respiro, e lentamente abro os olhos, lentamente levanto o rosto, por fim tomo coragem de finalmente te encarar e acabar com isso, mas você sorri, está sorrindo, sorrindo pra mim, quando foi a última vez? Nem me lembro. Seus olhos escuros me contam coisas que nunca sonhei em ouvir, sinto um calor em meu peito. Seus lábios frios tocam minha testa, sinceros, eu acho.

Assisto enquanto você a leva embora, mentalmente me despeço, eu gostava dela, mas agora você gosta de mim, vai ser melhor, tudo vai ser melhor, pensando bem eu nem gostava tanto de roxo, e cachos realmente não combinam comigo, você tinha razão, agora nova fase, loiro, você adora, né? Vai ser melhor assim, tudo vai ser melhor agora. ●

# Matheus Bachega

## [sem título]

Estava com o coração partido quando foi enterrado. ●

## Gustavo Vieira

### Perspectivas

Os negros e joviais cabelos dançavam no vento.

Ela pulava de prédio em prédio.

O fone de ouvido gritando um rock tosco.

Seus pés deslizavam pela cidade cinza.

Movimentos ágeis de alguém sem medo do depois.

O tênis de skatista todo sujo e ferrado.

O sentido da vida para ela era esse.

Finalmente cansa, e se senta no terraço de um hospital.

Puxa de sua mochila uma latinha chacoalhada de refrigerante e um sanduíche.

Come olhando os desinteressantes vivendo seus loopings paulistas.

E depois joga a latinha vazia, na cabeça de um paciente saindo do hospital.

Depois sai correndo de terraço em terraço, rindo endoidada.

De repente, a música acaba.

Seus passos antes exatos se tornaram tortos.

As coisas começam a girar.

Grandes cobras saem de dentro das janelas das torres de cimento.

O céu começa a rachar e derramar um líquido preto e pegajoso.

Ela tropeça e raspa a perna na quina de um terraço.

Sua perna começa a jorrar litros de sangue.

Ela fecha os olhos e se deita, sem reclamar da dor.

Ela dá um sorriso, pois entendeu o que aconteceu.

E começa a voar, jogando bolas de fogo por toda a cidade de São Paulo.

E abre os olhos.

Ela acorda com a bochecha toda babada, em frente ao seu computador.

A planilha do Excel está apenas na metade, ela precisa anotar os gastos da empresa.

Ela coloca de volta seus fones de ouvido que haviam caído, mas continuavam gritando.

Ela olha no espelho e vê uma garota rebelde se divertindo, mas logo volta a trabalhar. ●

# Henrique Veloso

## Duelo

Sol intenso.

Silêncio total.

Os dois colocam as mãos em suas armas.

Atiram.

Ambos se molham e vão para o mar. ●



## Vinicius Furuno

### Incendeia-me

Jabari nasceu em um dia abafado, com o céu pesado e as nuvens carregadas da chuva que nunca veio. Sua mãe, uma sacerdotisa respeitada que já havia perdido três filhos antes dele, morreu no parto. No vilarejo, isso foi visto como um sinal. As parteiras cochichavam que o menino trazia má sorte, que ele carregava uma maldição. O velho xamã, com olhos brancos de catarata, profetizou que Jabari era um filho do azar, um ser que nunca devia ter nascido.

Durante a infância, Jabari não conheceu o que era carinho. O vilarejo não apenas o ignorava; as pessoas o temiam. Quando era criança, ele não recebia nem o mínimo que as outras crianças tinham. Enquanto os meninos brincavam à beira do rio, ele era deixado de lado. Quando uma colheita fracassava, os olhares se voltavam para ele, murmurando que sua presença atraía os espíritos ruins.

Sempre que ele tentava se aproximar, era empurrado para longe, apedrejado com palavras e gestos pejorativos. Os meninos mais velhos jogavam lama e pedras nele, e, uma vez, depois de uma seca terrível, um grupo de adultos o acusou diretamente de ter trazido o desastre — o bode expiatório de cada infortúnio que caía sobre eles.

Certa noite, uma mulher do vilarejo morreu misteriosamente, sem causa aparente. Sussurros e rumores se espalharam rapidamente. “Foi Jabari”, disseram, “ele envenenou o espírito dela.” O xamã, aproveitando o medo, confirmou: “Este menino está amaldiçoado desde o dia em que nasceu.”

A solidão e o ódio que o vilarejo alimentava em torno de Jabari começaram a se enraizar nele. Ele tentava se manter invisível, mas não importava o quanto se escondesse, a maldade o encontrava. Uma noite, depois de mais um dia de perseguições, algo dentro dele se partiu. A raiva que ele havia guardado por anos agora queimava como brasa viva em seu peito. Se o vilarejo o via como maldição, ele os faria sentir na pele o que era realmente ser amaldiçoado.

Ele esperou até que o céu estivesse negro e o vilarejo adormecesse. Jabari tinha aprendido a sobreviver observando, e ele sabia onde o óleo era guardado, onde os gravetos secos eram empilhados. Em silêncio, ele espalhou o óleo ao redor das cabanas de palha. Suas mãos tremiam, não de medo, mas de uma fúria contida por muito tempo. Pegou uma faísca de uma fogueira apagada, e, num instante, as chamas surgiram como serpentes enfurecidas, lambendo as paredes das cabanas e se espalhando com o vento da noite.

As labaredas se ergueram no céu, e os gritos logo tomaram conta do vilarejo. As pessoas saíam correndo, desesperadas, mas o fogo era implacável. O calor era sufocante, e o vilarejo inteiro ardia, envolvido numa dança de destruição.

Jabari, de longe, observava as chamas devorando tudo o que ele conhecia. O calor que ele nunca recebeu estava ali, diante de seus olhos, consumindo o vilarejo que o havia maltratado a vida toda. Por um breve momento, ele sentiu algo que se assemelhava à satisfação. Eles finalmente estavam sentindo o mesmo calor sufocante e a mesma impotência que ele havia sentido por anos.

Mas, à medida que as chamas diminuía e o vilarejo se transformava em cinzas, o vazio retornava, mais frio e mais denso do que nunca. ●

## Rafaela Angelim

### Prestar atenção

Era pequeno  
Tinha um olhar ingênuo e despreocupado  
Sempre andava com seu fone e seu tabuleiro de jogos  
Mal convivia com seus pais  
Muito convivia com seus funcionários  
Era um problema na escola  
Pois nunca prestava atenção!

Todo dia entrava em um carro grande  
Que estava o esperando  
Sempre com o mesmo motorista  
E nunca prestava atenção!  
Ia para a escola  
Voltava da escola

No mesmo carro grande  
Fazendo o mesmo trajeto de 20 minutos  
Ouvindo sua mesma playlist de 40 minutos  
E nunca prestava atenção!

Repetia tudo de novo  
Todo dia  
A mesma rotina  
Os mesmos horários  
Nada a mais  
Nada a menos  
E nunca prestava atenção!

Dias passavam rápido  
Semanas passavam rápido  
Meses passavam rápido  
E como sempre  
Ele nunca prestava atenção!

Um dia  
Do nada  
Uma coisa diferente  
Mas o pequeno não esperava  
Não imaginava  
Não tinha como prever  
E não prestava atenção!

Entrou no carro grande  
Foi para a escola  
Teve suas aulas  
Saiu da escola  
Entrou em um carro grande  
Diferente  
Não era o mesmo  
Não era o mesmo motorista  
Mas o menino não prestava atenção!

O trajeto estava diferente  
Passaram mais de 20 minutos  
Não estava em casa  
A playlist acabou  
Ainda não estava em casa  
E continuou não prestando atenção!

O carro parou  
Chegou em casa?  
Sim  
Mas não a de sempre  
Uma diferente  
Nunca vista antes  
Nunca visitada antes  
O pequeno olhou  
Não reconheceu  
Ficou confuso

Franziu a testa  
Olhou para trás  
Um carro diferente  
Olhou para o motorista  
Um velho  
Não tão velho  
Adulto  
Com aparência de mais velho  
Com roupas escuras e estranhas  
Nada parecidas com as do motorista  
Com um sorriso diferente  
Meio medonho  
Com um celular na mão  
E só.

O pequeno entrou na casa  
Não porque queria  
Mas porque precisou  
Foi forçado pelo homem  
Depois de tudo  
Com um resgate brilhante  
O pequeno  
Voltou para casa depois de 3 meses  
Traumatizado  
Nunca mais quis sair  
Seus pais finalmente começaram a ligar para alguém  
E o pequeno

Finalmente  
E para sempre  
Começou a prestar atenção  
Mais do que tudo ●

## Gabriela Guido

### O carma

Mais um dia se passa, mais um dia termino sozinha. Já havia se passado dois anos do acontecimento, e eu ainda não tinha me acostumado. Novo dia, mesma rotina. Levanto. Me olho no espelho. Olho meu quarto. Olho o quadro do meu nascimento: “Alice — 2007”. Olho minha mãe. Cabelos escuros, olhos escuros, sorriso enorme e sardinhas na bochecha. Era como me ver em um espelho. Do lado, havia pendurado o jornal anunciando a nossa morte. Sim, eu não estou viva. Não, não sou um espírito. Não sei explicar o que sou. Ainda consigo ver tudo, mas não sou vista.

Lembro-me de acordar no hospital, andar por lá e ninguém me parar. Foi nesse momento que entendi. Meu coração não batia mais. Era como se eu tivesse dormido e acordado em um filme de terror. Estava no carro, voltando para casa com meus pais, quando um motorista bêbado bateu no nosso carro e matou a gente. Desde o hospital, procuro pelos meus pais. Até agora, nenhum sinal de vida (ou de morte) deles.

Saí de casa para procurá-los, como faço todo dia. Quando voltei, tinha algo diferente: caixas fechadas, um caminhão e um rosto que eu tor-



cia para não ver nunca mais. O homem imprudente que me matou. Ele e seus filhos estavam se mudando para a MINHA casa, mas que ironia do destino! A única coisa que passava pela minha cabeça era: como eu podia arruinar a vida dele da mesma maneira que ele arruinou a minha?

A minha casa era muito espaçosa, com sala de jantar, biblioteca e três quartos grandes que ficavam na parte mais afastada. Um único corredor, com sua maciça porta de carvalho, separava essa parte da ala dianteira, onde havia um banheiro, a cozinha, os quartos de dormir e a sala central, com o qual se conectava com os quartos e o corredor.

Decidi colocar meu plano em ação e começar a tomar a minha casa de volta. Nada que eu pudesse fazer iria provocar a mesma dor que senti por causa desse homem. Resolvi apenas expulsá-los de lá. Comecei tomando a parte dos fundos, a sala de jantar e a biblioteca. Derrubei cadeiras no chão e outros móveis, tudo para fazer barulho e eles se assustarem. Logo que estava indo fazer barulho perto da porta, vi que a porta se fechou fortemente e rapidamente. Percebo que foi o filho mais velho.

Demorei mais alguns dias para continuar o plano, afinal, tentei dar uma chance para eles irem embora da casa, mas eles insistiram em continuar. Agora eu iria tomar a parte da frente: comecei a fazer alguns ruídos na cozinha, depois no banheiro e também no corredor. Comecei a intensificar os barulhos, até que eu ouvi a porta da frente se fechando. Corri até a janela e vi os dois irmãos com uma cara de desespero. Os filhos e o pai saíram correndo da casa, sem ao menos olhar para trás. E sem olhar para o lado, também. Um caminhão que estava acelerado bateu com tudo na família. Nos três. E eles morreram da mesma maneira que eu e meus pais. O carma pode demorar, mas um dia ele aparece. ●

## Gabriela Gontijo

# Toda mulher enlouquece aos 13 anos

Toda mulher enlouquece aos 13 anos. É o que todos dizem pelo menos. Eu nunca acreditara nisso, até que completei 13 anos. Sempre me achei diferente, não sei se foi a necessidade de amadurecer muito nova ou as vozes que me dominavam diariamente sem ninguém notar. Talvez tenham me derrubado quando eu era pequena e isso destruiu minha cabeça, ou então eu só tenha nascido com defeitos irreparáveis. Sempre fui extrovertida, mas nem um pouco sociável, para ser sincera, a maioria das pessoas me irrita. Minha loirice jovial e minha pele morena sempre atraíram as pessoas, o que sempre me revoltou. Acho que ninguém me conhece de verdade, talvez nem eu mesma.

Eu não devia ter ouvido.

Muito menos obedecido.

Sempre me acharam inofensiva, afinal o que uma garotinha de 13 anos, magricela, com cara de simpática, poderia fazer de tão ruim?

Lembro de arrancar a garrafa da mão dele.

Lembro da voz de bêbado gritando em protesto.

Lembro do cheiro forte de cigarro e álcool que sempre dominou a casa.

Lembro do sangue que pingou quando o vidro quebrou.

Lembro dele caindo no chão com a cabeça aberta.

Lembro de pegar os cacos.

Lembro do olhar de puro pavor em meio a embriaguez.

Lembro da batida forte de um coração que eu escutava em minha cabeça.

Era ensurdecedor.

Lembro de quando a batida parou.

Lembro de não ter medo, nem remorso, muito menos culpa.

Lembro do alívio instantâneo que senti, como se tivesse conseguido algo que desejava havia anos.

Mas o que eu faria? Eu tinha 13 anos, e meu único parente estava caído no chão rodeado por cacos e sangue.

Eu precisava ser esperta, eu já tinha roxos ao longo do meu corpo, sempre tinha.

Quebrei outra garrafa e com esses cacos fiz ligeiros cortes em meu braço.

A dor não me fez chorar, já não me afetava mais.

Mas foi quando pensei em minha mãe que as lágrimas brotaram com naturalidade.

No mesmo instante liguei para a ambulância:

“eu preciso de ajuda, por favor”.

Minha voz estava trêmula.

“É meu pai, ele foi para cima de mim de novo, ele tentou me machucar.”

Fiquei em silêncio e forcei um soluço triste.

“Eu não queria fazer o que fiz, mas fiquei com muito medo, por favor, venham rápido, eu não posso perder ele.”

Eles não demoraram para chegar, mas ele já estava morto, eu garanti isso.

Em poucos instantes, tudo que restou naquela sala eram vestígios de um homem infeliz.

Não vou entrar nas questões jurídicas, porque honestamente elas são chatas.

Mas se você pensar em uma boa história, sem furos, chorar e dizer que foi uma garotinha de 13 anos indefesa, traumatizada e violentada, todos irão acreditar em você. Pelo menos, acreditaram em mim.

O caso foi encerrado como legítima defesa, o que por certo ponto realmente foi.

Por ser menor e não ter mais ninguém, fui para um orfanato. Como eu falei, eu sempre atraio muito as pessoas, então, em pouco tempo fui adotada por uma família feliz que também tinha adotado uma criança mais nova.

Hoje completo 16 anos e, honestamente, minha vida não poderia estar melhor, em uma casa rica rodeada por alegria e sem ser assombrada pelas sombras do meu passado.

A única coisa entre mim e a alegria era um homem, tudo que precisei foi tirar ele do meu caminho. ●

**Paulo Lima**

## **A monotonia da velha vida**

Horas viram dias.

Dias viram meses.

Meses viram anos.

Mas pra ele o tempo é tempo.

Tempo estável e sonolento que passa, mas não chega.

Pro velho chato que não tem ninguém para chatear, o que resta é o fim que demora mais que o início e menos que o meio.

Casa de 1943, ano do velho, que, assim como ele, morria de vontade de morrer.

Capenga, caindo aos pedaços, insalubre e solitária.

A única do bairro.

A única da região.

A única da cidade.

Mas que de única não tinha nada.

Na verdade, era igual às outras.

Ficava sozinha e triste a maior parte do tempo.

Nem quando cheia era feliz, pois felicidade o velho não conhecia.

Desde sempre assim e para sempre assim.

Nasceu sem nascer.

Não tinha pai nem mãe.

Abandonado no casebre aos 5, sem saber de onde veio.

O velho-criança não sabia brincar que nem criança.

Sua vida toda assim.

Só sabia comer milho do quintal, fumar palha com o que restava do milho, beber água de uma goteira da casa e dormir.

Já aos 7 morria de vontade de morrer.

Fora assim até o 81º aniversário da casa, porque com o velho ninguém se importa.

Assim como nos outros 29.504 dias em que viveu, o velho levantou da cama às 5:53.

Pegou milho às 6:17.

Fumou palha às 6:26.

Bebeu água às 6:39.

Encarou a goteira das 6:40 até as 17:03.

Comeu milho de novo às 17:14.

Dormiu das 17:20 até as 5:53.

O dia todo e todos os dias o velho só morria de vontade de morrer.

Agora o dia 29.505º da casa para o velho não importava, assim como todos os outros.

Contudo, ingênuo era o velho que não percebera que seu desejo estava mais perto do que imaginava.

Acordou às 5:54, um medo o consumiu.

Pegou milho às 6:18.

Fumou palha às 6:27.

Bebeu água às 6:40.

Encarou a goteira das 6:40 até as 17:03.

Comeu milho de novo às 17:15.

Esse dia não rotineiro só significava uma coisa para o velho, a morte.

O dia todo o velho só morria de medo de morrer.

Com o coração tremulante e a casa em estado fúnebre, o velho foi dormir.

Dormiu das 17:21 até sempre. ●

## Murilo Fecher

### Para o Douglas

Não, Douglas, não!

Não venha com suas gordas mãos catinando a Cheetos juntamente com o cheiro de pelos pubianos que se escondem sorrateiramente dentre as suas unhas, com um pequeno toque de vazio existencial, fazer carinho em mim.

Não venha dizer que eu sou o “cacholinho plefelido do papai”.

Você não é o Cebolinha.

Já adianto.

Você só é um nerd que desconta a sensação de insuficiência, incapacidade, solidão, depressão, opressão, incompreensão e tesão em meia dúzia de pacotes de salgadinhos, 395 ml de Coca-Cola e aplicativos de relacionamento.

Em pesquisa realizada constatou-se que a cada 10 matches, 9 são em seus sonhos e este 1 que lhe resta futuramente se tornará uma decepção amorosa.



Que cachorro seria eu se à minha personalidade não estivesse atrelada a capacidade de situar-me perante o mundo e entender minha posição de oprimido diante da força de coerção que a sociedade impõe a mim?

Sinto lhe informar, Douglas, mas este “cãounista” aqui adquiriu todo esse conhecimento através do método mais conhecidos entre a nossa comunidade: comer as páginas de livros que deveriam fazer parte da dieta de todo cão interessado em entender um pouco a atual sociedade moderna e a luta de classes, livros esses que os humanos chamam de O capital e O manifesto comunista.

Páginas desses livros, ou melhor, o que sobrou deles, que estão sob sua cama...

Deixemos de reflexões e vamos aos fatos.

Ambos sabemos que há exatos 11 anos eu estava nascendo.

Por dois esplêndidos meses, minha vida canina se encontrava em um estado que para vocês humanos é deveras utópico: a perfeição. Eu corria pelos campos de maneira desengonçada, entrelaçando todas minhas patas numa sequência periódica de quedas e rolamentos, tudo isso em busca de uma simples borboleta, que, naquele meu momento sanguinário, se encontrava na posição de presa. Que bela era uma vida de campos e borboletas, não camas e moscas, eu deveria ter sido mais grato.

Naquele momento a perfeição da minha vida se baseava, em suma, em dois simples e relevantes fatos. Você felizmente ainda não estava presente na minha vida, além de não ter ainda tomado a infeliz decisão de designar pra mim isso que vocês chamam de nome.

Thor.

Maldito seja o filho de Odin, o Deus do Trovão, que poderia carregar em sua pessoa os símbolos de luta, resistência e força do mundo nórdico, mas na verdade serviu como inspiração para nomear aproximadamente todos os cachorros do mundo.

Thor é uma ramificação da sociedade canina, existem o mesmo número de Thors e cães dos mais variados nomes.

E você decide me chamar de Thor.

Como acha não me sentirei apenas um indivíduo costumeiro, sem individualidade alguma, apenas mais um Thor entre os Thors.

Isso para demonstrar como apenas somos uma migalha dentro de uma fábrica de pão que é o nosso mundo.

Por que uma pequena atitude é tomada internamente como algo tão grande?

Por que existe uma preocupação em relação ao que o outro irá pensar sobre minhas atitudes?

Temos que nos importar com aquilo que é importante, a vontade de fazer com que essas migalhas se juntem em firmes grandes massas que possam reivindicar seus direitos, massas estas que se organizam de maneira homogênea para conseguir se manter, não se esfarelar em pequenas migalhas novamente.

Esse é o meu desejo.

Por isso que através desta confissão eu venho contar a Douglas minha revolta perante a atual sociedade que é movida por três coisas: dinheiro, ego e poder.

As relações são desumanizadas, e hoje as pessoas preferem buscar o ChatGPT para um desabafo a um amigo.

Meu desejo é que isso mude e possamos assim usufruir bem daquilo que é o maior bem comum a todos, a Terra.

Mas infelizmente Deus me deu a capacidade de refletir, não a capacidade de me comunicar com outras espécies que não sejam Thor.

Para nossas cabeças, uma mensagem de força e crítica ao sistema que nos domina.

Mas para os ouvidos de Douglas, apenas um toско

“Au Au.” ●

# Mariana Vasconcelos

## [sem título]

Uma menina com os olhos cheios d'água vai até o banheiro ligar para seus pais. Passou na faculdade. ●

## Matheus de Pinho Szenttamasy

### Cair

Com as duas pernas tremendo e a cabeça confusa  
fechei meus olhos  
e pulei  
senti o ar fresco batendo na minha cara  
o chão está próximo  
e minha cabeça ainda confusa  
será que vivi uma vida feliz? Será que valeu a pena?  
O chão está mais próximo  
já consigo sentir os sons da cidade  
1 2 3 e...  
Nada?  
Ainda estou caindo  
ainda consigo ouvir os sons  
meu bolso esquerdo está pesado  
pegando no bolso ainda de olho fechado

uma pistola  
eu a seguro apontada para mim  
atiro  
nada  
eu não sinto nada  
curioso, abro meus olhos  
estou em uma sala cinza e vazia com apenas um vidro preto na  
minha frente  
estou sentado em uma cadeira  
algemado  
olhando para baixo, eu não consigo ver nada  
do mesmo jeito eu aproximo minha mão do abismo  
sinto algo nas minhas mãos  
um *clip* com dois olhos e um *post-it* grudado  
“precisa de ajuda?”  
“Sim ou não?”  
Sim  
na minha frente eu vejo uma tabela dinâmica no Excel com as  
finanças do mês  
filho da p\*ta  
eu fecho o computador e desligo minhas algemas  
me levanto da cadeira  
a cadeira desaparece  
o vidro na minha frente é semitransparente  
encostando meu ouvido nele, consigo ouvir vozes  
a porta ao lado está trancada  
abro a porta

ela não está trancada  
entro  
eu não consigo ver nada além do chão e uma torre de água  
está tão claro que fecho meus olhos e corro para a frente  
minhas pernas começam a tremer e minha cabeça fica confusa  
eu caio. ●

# Benjamin Tahira

## [sem título]

Esfaqueou o peito. Grelhou o frango. ●

## Luiza Rezende

### O último relato

A frustração dominava minha vida.

A frustração me consumia.

Cada dia no jornal local parecia um eco das minhas ambições desfeitas.

Um ciclo interminável de reportagens sem importância.

O brilho que um dia eu tivera agora era apenas uma lembrança distante.

Trabalhar no jornal local tinha se tornado uma rotina sem fim, sem brilho.

Um dia, estava voltando para casa e resolvi olhar a minha caixa do correio.

Dentro dela, tinha um diário de couro desgastado que imediatamente me chamou a atenção.

Com pouco entusiasmo, abri o diário e comecei a ler.

“As sombras se movem sozinhas e ouço sussurros na escuridão”, estava escrito. O diário era de Rafael Mendes, um homem desaparecido



havia dois anos. Curioso, decidi investigar sua história. Descobri que Rafael morava em um bairro onde haviam ocorrido eventos estranhos.

No diário havia várias fotos, umas de momentos felizes e outras sem sentido. Algumas eram apenas borrões, que pareciam terem sido tiradas em momentos de desespero. Tinha frases inacabadas ou escritas de forma errada como se tivessem sido escritas com pressa e angústia. Algo era muito familiar naquele diário e conforme eu avançava a minha leitura e a minha investigação sentia um sentimento de pertencimento e reconhecimento.

À medida que eu explorava sua vida, comecei a experimentar os mesmos fenômenos perturbadores descritos no diário: sombras se movendo, sussurros inaudíveis e a constante sensação de ser vigiado. A sensação de medo se intensificou. Uma noite, ao revisar as últimas páginas, encontrei uma entrada final: “Sinto que a coisa que me persegue está próxima. Não há escape.” Foi quando percebi a assinatura no final do diário. Ela se parecia muito com a minha. Horrorizado, comparei as assinaturas e a verdade se revelou: Rafael Mendes e eu éramos a mesma pessoa. A investigação que começara como uma busca por um desaparecido revelou minha própria prisão.

O medo e a perseguição que eu tentara entender eram, na verdade, reflexos dos meus próprios tormentos. Eu estava preso em um ciclo criado por mim mesmo. As sombras, os sussurros, a sensação de ser observado... tudo fazia parte da minha própria narrativa aterrorizante. A minha investigação havia sido uma jornada para enfrentar meus próprios medos e a realidade que eu inadvertidamente criei. A verdade aterradora era que eu estava preso na própria narrativa que tentara desvendar, e os eventos perturbadores continuariam a assombrar-me como um ciclo sem fim. ●

**Rosa Glogowski**

## **A tão renomada performance de nosso cisne negro**

JORNAL DOS EUA  
SETEMBRO DE 1994

*O que se passa por trás desse espetáculo?*

**Robert Pakston (54) — Produtor do Lago dos Cisnes, Operah  
(1994)**

Foi com certeza meu melhor espetáculo. (Clack)

Não, não me culpo de nada. (Clack)

Somente da obra-prima que eu produzi. (Clack)

O *ballet* é uma arte **autodestrutiva**. (Clack)

Portanto, quando se atinge a perfeição... (Clack)

Emma já estava na companhia há anos. (Clack)

Ela era uma menina pura, angelical, branca, delicada, educada.  
(Clack)

Bem “fácil” e manipulada facilmente, fazia TUDO que eu lhe pedia, tudo mesmo. Era minha princesinha. (Clack)

— Pera, pera, pera apaga essa última parte, vai ser ruim para minha imagem — Exclama Robert.

Era como um cisne branco. (Clack)

Mas no Lago do Cisnes temos um cisne branco e um **cisne negro**. (Clack)

A escolha para o papel não foi nada fácil, tinha receios de que Emma não conseguiria se transformar no **cisne negro**. (Clack)

**Emma Colins (28) — A protagonista**

*Lembro-me muito bem de quando Robert me deu a grande notícia.*  
(Bip...)

*EU, EU seria a protagonista, Odette, o cisne branco. (Bip... Bip...)*

*E o negro. (Bip... cof cof)*

*A primeira coisa que fiz foi ir correndo para casa contar para mamãe.*  
(Bip...)

*Mas eu ainda não era perfeita como eu deveria ser. (Bip...)*

*Eu era o próprio cisne branco, mas... (Bip...)*

*Precisava ser mais como ela... (Bip...)*

*Ela fazia de tudo para me derrubar: (Bip... Bip...)*

*Atormentava meus sonhos, (Bip...)*

*Seduzia Robert, (Bip...)*

*Era o próprio **cisne negro**. (Bip... Bip...)*

*Precisava dar um jeito nela, **SER** ela. (Bip... cof cof)*

*Ser mais livre, sensual, atrevida, obscura, perversa. (Bip...)*

*Sabia o que precisava fazer... (Bip...)*

***Incorporá-la. Tê-la. Sê-la.** (Bip...)*

*Quanto mais perto do espetáculo, mais atormentada ficava, parecia que estava enlouquecendo. (Bip...)*

*Era bom, sabia que estava cada vez mais perto dela. (Bip... Bip...)*

*Conseguia senti-la. (Bip...)*

*Quando mais me corrompia. (Bip...) (Bip...)*

*Mas era ela. (Bip...)*

*Assim chegou o grande dia. (Bip... Bip...)*

*Entrei no palco normalmente, fiz os primeiros atos do cisne branco muito bem, todos me aplaudiram, mas não liguei muito para isso... (cof) Queria poder revelá-la ao mundo. (Bip...)*

*Meu novo eu. (Bip...)*

**O CISNE NEGRO.** *(Bip...Bip...)*

*Assim comecei a dançar, mexer todo meu corpo, fazer a sequência até que... (cof cof cof) (Bip...)*

*O mundo ficou em silêncio. (Bip...)*

*Tudo sumiu, eu sumi. (cof cof)*

*Ela me era. (Bip...) (Bip...)*

*Lembro de sentir as penas saindo de mim, um bico, minhas asas baterem e baterem cada vez mais forte, me consumindo por inteira, me senti revolvida pelo ódio e escuridão. (Bip...) (Bip...)*

*Senti a morte, assim também, senti a perfeição. (cof cof) (cof cof)*

*A toquei (cof cof)*

*Era lindo (Bip... Bip)*

*Valeu a pena (Bip...)*

**FUI** *(cof... cof... cof... cof)*

**O CISNE NEGRO** *(cof cof)*

**FUI** *(Bip...)*

**PERFEITA** *(BIP... BIP... RIP...) ●*

## Laura Ralitera

# Talvez, se eu estivesse sozinha, fosse mais fácil

Era óbvio que aquilo não era normal.

Não sei por que eu escutei a minha mãe. Eu nunca escuto ela.

Tudo começou há dois anos, no meu aniversário de quinze anos.

Minha mãe tinha me obrigado a fazer aquelas festas bregas de debutante.

Eu estava parecendo um bolo com glitter e estava usando uma maquiagem patética que me deixava igual a um palhaço.

Ele apareceu na hora dos parabéns, mais especificamente na hora em que eu assoprei as velinhas. E, desde então, ele nunca mais foi embora.

Ele era feio, muito feio. Mais feio que o senhor Raimundo, o infeliz do meu professor do cursinho.

Eu nunca fui a pessoa mais sociável, mas também eu não era sozinha.

Andava com um grupo pequeno de pessoas. Eles não eram realmente meus amigos, mas de qualquer jeito era com eles que eu saía nos finais de semana.

Não era a maior fã deles. Todos eram muito alternativos e muito militantes. Toda vez que a gente saía, algum deles dava um jeito de brigar com algum bêbado que não concordava com a opinião política deles.

Mas, pelo menos, eu não era sozinha.

Até que ele apareceu.

Os olhos dele eram brancos, completamente brancos, a pele dele era cinza e era toda machucada. Mas, o que mais me incomodava era o cheiro dele.

Toda vez que ele aparecia eu tinha vontade de vomitar.

No começo era um pouco mais suportável. Ele só aparecia quando eu pisava fora de casa.

Eu ia para a escola, e ele estava lá.

Eu ia para o clube, e ele estava lá.

Eu ia no dentista, e ele estava lá.

Eu ia para alguma festa com o grupo de esquisitos, e ele estava lá.

Era horrível, eu tinha muito medo dele. Toda vez que ele aparecia, o mundo que estava à minha volta parava. E eu começava a sentir um mal-estar instantaneamente.

Meu coração começava a acelerar, sentia dificuldade para respirar, meu corpo começava a tremer e no pior dos casos eu vomitava.

Era muito difícil manter uma conversa com alguém quando ele estava por perto.

Ninguém me entendia. A maioria das pessoas me achava louca, e com razão. É muito difícil acreditar que alguém estava sendo perseguido por alguma espécie de figura maligna, que só aparecia quando eu pisava fora de casa.

Quando eu saía com aquele grupo, principalmente quando a gente ia a festas, eu sempre escutava o mesmo discurso. Que eu deveria manear na bebida, que eu estava passando vergonha e que não era normal eu vomitar toda vez que a gente saía.

Eu não bebia, nunca fui de beber e por sinal, eu odeio gente bêbada.

Não aguentava passar um dia inteiro na escola.

Não conseguia prestar atenção em nenhuma aula.

Não conseguia interagir com as pessoas.

Passava o dia inteiro tentando ignorar aquele cheiro, tentando não olhar, porque toda vez que eu olhava ele chegava mais perto.

Depois de um ano, eu já não aguentava mais.

Eu estava quase repetindo, ficava o dia inteiro sozinha e pelo menos três vezes no dia eu me trancava no banheiro para chorar.

Chegou em um ponto que eu tive que contar para a minha mãe.

Ela falou que era coisa de adolescente, e de primeira não deu a mínima bola.

Eu ia chorando até ela todos os dias, implorando para que ela me ajudasse. Então, ela teve que fazer alguma coisa.

Fomos ao psiquiatra, na doutora Renata.

Ela me receitou uma série de remédios tarja preta, me prometeu que ele iria embora e recomendou que eu ficasse umas duas semanas afastada da escola para me acostumar com a medicação.

Foram os dias mais tranquilos da minha vida.

Talvez porque eu estivesse completamente dopada.

Mas, pelo menos, eu estava sozinha.

Quando se passaram as duas semanas, minha mãe me obrigou a voltar, e não me deixou levar os meus remédios, alegando que não era para eu me drogar na escola.

Não tinha outra opção.

Se eu continuasse faltando, eu iria repetir de ano.

Meus pais iriam me matar se eu repetisse.

Então, eu fui.

Correu tudo bem.

Até hoje.

Hoje era para ter sido um dia normal, as primeiras duas aulas de hoje foram normais.

Mas aquele cheiro voltou.

Voltou muito mais forte do que eu me lembrava.

Comecei a passar mal.

Pedi para a professora para que eu saísse da sala.

Quando eu abri a porta, ele estava lá.

E ele estava dez vezes maior do que ele era antes. ●



## Lara de Oliveira

### Festa

Odeio quando eu tomo banho quente e o espelho do banheiro fica embaçado. Pego um secador para desembaçar e começo a me arrumar. Estou atrasada, como sempre; acho que já virou hábito para ser sincera, fico a tarde inteira fazendo coisa inútil e dando risada de coisa sem graça, então começo a me arrumar faltando uns 37 minutos e me atraso. Ligo a torneira e lavo a cara, passo uns cremes no rosto e protetor. Vou para o quarto e visto minha roupa e volto novamente para o banheiro, começo minha maquiagem pelo corretivo e termino passando rapidamente o rímel, meio torto e borrado como sempre devido à pressa. Olho para o relógio: 17 minutos. Saio do banheiro ainda ajeitando o cabelo e passando um perfume que não dura nem meia hora. Chamo o elevador e, enquanto não chega, calço o tênis, pego algo na geladeira para comer, pois, se estou com fome, fico de mau humor, ouço minha mãe falando para eu aproveitar a festa e que minha roupa está brega, não dou muito ouvido. Quando já estou embaixo, chamo o Uber.

O carro chega em poucos minutos. Checo a placa e entro, checo no celular do motorista se é essa a corrida certa porque assim como todo mundo eu não gostaria de ser sequestrada. Ajeito o batom no reflexo

do celular e quando olho o tempo estimado para chegar ao meu destino, minha respiração trava. O motorista, ao invés de mãos no volante, possui tentáculos roxos de polvo e, quando olho no retrovisor, vejo que ele tem um único olho gigante avermelhado no lugar da cabeça. Não sei como não desmaiei ali mesmo, ou talvez tivesse desmaiado se não fosse pela barrinha de proteína com gosto de ração que sou obrigada a comer pela minha mãe quando saio de casa. Apesar disso, tento me manter calma, como se fosse uma noite qualquer, fingindo que não estou morrendo de medo dessa criatura me levar para uma caverna escura no meio do mato. Odeio escuro. E caverna. Já me bastou aquela vez no Petar, e não gostaria de repetir a experiência.

— Está indo para uma festa? — a voz dele cortou meus pensamentos de repente, me arrancando do medo irracional de acabar no meio do mato. Voltei à realidade e tentei disfarçar o susto encarando o olho gigante que me observava pelo retrovisor. Mas, pensando bem, talvez não fosse tão “realidade” assim, sinceramente, se “realidade” inclui um motorista com tentáculos e um olho só, talvez eu precise revisar o conceito.

— É... sim, estou indo para uma festa — respondo finalmente.

Então, ele volta a focar no caminho e eu tento não o encarar, mas é quase impossível. O que eu faço? Abro a porta e pulo? Eu tento puxar assunto? Talvez falar sobre o tempo? Perguntar se ele odeia mosquito tanto quanto eu? Pergunto se ele usa óculos com apenas uma lente?

Finalmente, ouço o Waze falar “você chegou ao seu destino”. Então saio do carro e agradeço a viagem conturbada, porém sem esta última parte. Entro na festa, um apartamento lotado de gente conversando e rindo alto, e música, bastante música. Cumprimento algumas pessoas conhecidas e outras desconhecidas que finjo conhecer de algum lugar porque é mais fácil do que se apresentar. Às vezes, tenho a impressão de ser uma pessoa um pouco hipócrita. Reclamo de não ter nada para fazer, mas quando tem (como uma festa), reclamo que preferia estar em casa. No fundo, talvez eu só goste de reclamar mesmo. ●

# Laura Parente

## [sem título]

Muito triste, ela pegou a bala e colocou na boca. ●

## Maria Beatriz Capobianco

### **Não confie em ninguém**

Chamei minha amiga para irmos ao rolê do povo da minha escola. Ela recusou, declarou estar muito cansada pós-semana de provas. Chamei minha amiga novamente.

Ela recusou.

Decidi ir sozinha.

Enquanto eu me arrumava, ela me ligou dizendo que havia decidido ir.

Chamei o motorista para irmos juntas.

Quando chegamos no rolê, todos os nossos amigos estavam em uma dimensão paralela à nossa. Todos chapados. Decidimos entrar na onda.

Fomos todos jogar um jogo igual daqueles filmes de terror com um bando de adolescentes imbecis. Sentamo-nos no chão ao redor de uma mesa. O menino que eu queria ficar havia acabado de chegar com seu casaco preto sobre as costas, como de costume. Sentou conosco. A luz da casa começou a piscar e apenas a da cozinha funcionava. Todos fomos em direção a ela. Fui ao banheiro logo em seguida, mesmo no

escuro, estava muito apertada. Quando abri a porta para sair dele, o menino com o casaco preto sobre as costas estava parado em frente a ela, diante de uma escuridão.

Levei um susto. Gritei. Que merda!

Ele tampou minha boca.

Me jogou contra a parede do banheiro.

Filho da puta!

Começou a passar as mãos na minha cintura como se procurasse algo.

De repente, senti uma faca atravessar minha pele. ●

## Henrique Cosate

# Acontecimento

Em meio ao caos de fogo e lata, o homem percebe que está na maior colisão da sua vida.

Tem seus arrependimentos, e o tempo jamais voltará.

Ele decide usar o replay do controle. ●

## Antonio Sarti

# O limite invisível

Marina, aos 46 anos, era uma mulher de aparência comum, mas com uma aura de determinação que a destacava. Seus cabelos, castanhos e levemente ondulados, estavam presos em um coque desprezioso, e algumas mechas grisalhas já começavam a aparecer nas laterais, o que ela via como sinais de sabedoria. Vestia-se de forma simples e prática, com roupas que refletiam sua classe média: calça social, blusa de algodão e um par de sapatos confortáveis, pois sempre fazia longas caminhadas até o trabalho.

Vivendo sozinha em um pequeno apartamento no centro da cidade, em São Paulo, Marina encontrava prazer em coisas simples. Gostava de ler romances históricos e de caminhar aos fins de semana no parque, onde deixava seus pensamentos fluírem. A rotina de trabalhar como assistente administrativa em um escritório no bairro da Bela Vista trazia uma sensação de estabilidade, algo que ela valorizava profundamente em sua vida. Era uma manhã de primavera de 2023, e o sol começava a se infiltrar pelas frestas da janela, trazendo consigo a promessa de mais um dia comum — ou assim ela pensava.

Marina saiu de casa naquela manhã de primavera, carregando a bolsa no ombro e com a sensação de que algo estava diferente. Talvez fosse o ar mais fresco ou a luz do sol, que parecia mais suave, mas a verdade era que seu pensamento estava focado em algo bem específico: hoje seria o dia da sua tão temida reunião de feedback com o novo gerente, Gustavo. Marina trabalhava há anos na mesma empresa, sempre fazendo seu trabalho com dedicação e discrição. Nunca gostou de chamar atenção, preferia passar despercebida e manter-se segura em sua rotina. Mas, com Gustavo, as coisas estavam mudando. Ele havia assumido a gerência havia três meses, e, desde então, o ambiente no escritório parecia mais tenso. Jovem, ambicioso e cheio de novas ideias, ele rapidamente começou a modificar os processos, cobrando eficiência e resultados.

Quando chegou à padaria na esquina, onde tomava seu café todos os dias, Marina sentou-se no balcão e pediu o de sempre: pão na chapa e um pingado. Tentou se distrair observando o movimento na rua, mas sua mente insistia em voltar à reunião que teria logo mais. Ela não sabia o que esperar. Seus colegas comentavam que Gustavo não tinha papas na língua. Ele elogiava quem era eficiente, mas não hesitava em apontar falhas e cobrar melhorias. Marina temia ser uma dessas pessoas chamadas para “ajustes”. Entre um gole e outro de café, ela tentava encontrar pontos positivos no próprio trabalho para se tranquilizar.

No caminho para o escritório, notou que o trânsito estava mais caótico do que de costume. Carros buzonavam impacientes, e os pedestres, apressados, tentavam atravessar as ruas como se lutassem contra o tempo. Marina chegou ao prédio já sentindo o peso da ansiedade. Enquanto subia no elevador, outros colegas comentavam sobre a reunião que aconteceria em breve. “Ele foi bem duro com a Carol ontem”, disse um. “Espero que hoje seja mais tranquilo”, comentou outro.

Ao entrar na sala, ela foi direto para sua mesa, organizando papéis e tentando se concentrar. Quando o relógio marcou 10h, Marina foi chamada para a reunião. Gustavo estava sentado à cabeceira da mesa de



reuniões, folheando alguns documentos. Ele levantou os olhos e sorriu. “Bom dia, Marina. Vamos falar sobre seu desempenho nos últimos meses.” A tensão no ar era palpável.

Marina entrou na reunião tensa, e logo percebeu o desconforto crescente com o comportamento de Gustavo. Ele começou a fazer críticas veladas, mas então se aproximou, invadindo seu espaço pessoal de maneira insinuante. Com um sorriso frio, sugeriu que ela “colaborasse” mais, deixando claro que havia intenções além do trabalho. O toque em seu braço e a insinuação a deixaram paralisada, percebendo que a situação havia mudado drasticamente.

Abalada e enojada, Marina saiu da reunião com as mãos trêmulas e a mente em turbilhão. O acontecimento a deixou vulnerável, mas também despertou uma raiva silenciosa que crescia dentro dela. No caminho de volta para sua mesa, decidiu que não ficaria em silêncio. A situação havia mudado para sempre, e agora ela sabia que precisava se defender e lutar pelo respeito que merecia. ●

## Lucas Peralta

### Livramento

Eu não queria ter nascido assim.  
Eu queria ser um ser humano.  
Eu não devia ter saído pela porta que meu dono não fechou.  
Eu não devia ter achado que eu era preso.  
Eu não devia ter corrido pela noite.  
Eu não devia ter achado que eu conseguiria voltar.  
Os dias de sol e sorriso se tornaram dias de tempestade e desespero.  
E só o que eu queria ouvir agora era:  
“Vamos passear, Guér!”  
Sair correndo atrás do meu rabo e latir feliz.  
Latir agora é triste e desesperador.  
As pessoas não entendem o que eu digo.  
Ansiedade.  
Tudo o que eu penso se torna um “au au!”.  
Vazio e sem sentido.

Já faz dois anos que não os vejo.  
Às vezes, acordo com um susto e só quero nunca mais ver isso.  
Aquela van azul-marinho parando em minha frente.  
Um homem grande.  
E uma rede em sua mão.  
Agora só vejo grades e as pessoas me ignorando por ser assustador.  
É o que eles dizem, pelo menos.  
Sempre escuto dizerem que os pitbulls dão medo.  
Mas não me conhecem.  
E agora  
só quero ela e eles de volta.  
Ela.  
Ela.  
Ela.  
Só penso nela.  
Seus cabelos lisos, marrons com manchas brancas.  
Suas orelhas quase no chão.  
Até o jeito que ela anda.  
Seu rabo indo de um lado para outro, enquanto meus olhos os  
acompanham.  
Eu chegava perto e cheirava.  
Começávamos a correr atrás do rabo um do outro.  
No parque, nos jogávamos um em cima do outro.  
E meu coração batia mais rápido.  
Mesmo que fosse castrado.  
Tudo eram mil maravilhas.

Mas, diferente de tudo, tudo isso começou no dia seguinte daquela noite sombria.

Já não aguentava mais andar à procura da minha casa.

Quando passo na frente de uma padaria.

E lá está ela.

Andando com os cabelos no ar e focinho empinado.

Mas também tiraram ela de mim.

E quando eu pensei que tinha reencontrado a felicidade.

Van azul-marinho.

Ela foi para o outro lado.

Fugiu.

Não pegaram ela.

Dentro da van, eles diziam que estávamos indo para o canil, acho que é essa uma prisão para os cachorros na qual eu estou agora.

A van do nada para.

Estava preso em um tipo de coleira que me machucava.

E do nada me jogaram dentro de uma gaiola.

Era muito barulhento.

Tinha mais de 20 cachorros na sala que eu estava e nenhum parava de latir.

Era desesperador.

Não conseguia dormir.

Era o tempo todo muito ruído em minhas orelhas.

E eu só pensava em uma coisa.

Ela.

Ela.

Ela.

Não conseguia tirar ela da cabeça.  
Que saudades dela.  
Até um dia que ouço um latido diferente dos outros.  
Era o dela.  
Mas eu não sabia se ficava feliz ou triste.  
Feliz por estar perto dela de novo.  
Ou triste por ela estar naquele inferno em mundo real.  
Quando eu a vi, meu coração parou.  
Ela vinha entrando na sala com seu rabinho balançando, mas eu via a expressão de desespero em seu rosto.  
E eu só comecei a latir.  
Latir.  
E latir.  
Latir em desespero.  
Desespero.  
Ela.  
Barulho.  
Não sabia o que fazer.  
Tudo virou um caos.  
Todos começaram a latir e tentar quebrar as grades.  
E deu certo.  
Eu e mais alguns conseguimos sair, conseguimos liberar os outros.  
E então todos foram pra cima dos homens.  
Todos atacando a quem nos fez sofrer.  
Tinha sangue.  
Muito sangue.  
Quando vejo.

Uma perna do homem havia sido arrancada.  
Sangue para todo lado.  
Ele também perdeu uma mão e um olho.  
Morreu.  
Morte.  
Vingança.  
Saí correndo com ela.  
Mas, antes de sair,  
eu o vi.  
Dentro daquele lugar.  
Com a roupa deles.  
Estava lá fora saindo de uma van.  
Meu dono.  
Era ele.  
Não sabia o que pensar na hora.  
Traição.  
Falta de caráter.  
Enganação.  
Mas saí de lá correndo.  
Feliz.  
Vendo como aquela noite sombria havia sido um livramento para  
mim.  
E minha maior felicidade estava ao meu lado.  
Ela.  
Correndo.  
Com seus cabelos aos ventos.  
E fugimos de lá.

Fomos para muito longe.  
E agora estamos em Bertioga.  
Correndo pela areia das praias.  
Só nós dois.  
Longe de tudo.  
Sem pensar em nada.  
Ela.  
Ela.  
Ela. ●

## Martin Sasserant

### Meu amigo maldoso

Humberto, 14 anos. Primeiro cigarro eletrônico. Foi só uma curiosidade, motivado por seus amigos. Um moleque comum, cabelo grande e meio bagunçado, olhar perdido. Vivia em bairro nobre, cercado de casas grandes e ruas arborizadas, ele não se destacava. Na escola, era só mais um, com notas medianas, sem muitos planos, mas com um desejo secreto de achar seu lugar.

Um lugar.

O cigarro eletrônico, com seus sabores doces e a fama de ser “menos perigoso”, parecia inofensivo. Humberto não sabia que aquele pequeno aparelho viraria parte de sua vida. Uma parte fixa, grudada, que consumiria mais que o vapor que ele inalava. Mais. E mais.

O tempo passou. O hábito cresceu. Humberto, agora com 16 anos, já não passava um dia sem dar umas boas tragadas. O vapor doce virou algo para se refugiar. Escapar. Problemas da escola? Tragada. Cobranças dos pais? Tragada. Solidão? Outra tragada. Os amigos que lhe apresentaram o cigarro eletrônico já tinham seguido outros caminhos, mas Humberto? Preso, fiel. Sempre no bolso da calça. Na mochila. Um alívio



instantâneo. “Posso parar quando quiser”, ele dizia. Dizia, mas não fazia. Porque a vontade era maior que ele. Maior que qualquer desculpa.

Aos 18, Humberto arrumou seu primeiro emprego. Loja de conveniência. Trabalho simples. Longas horas em pé. Cansativo. O cigarro eletrônico se tornou mais presente ainda. A todo momento, ele estava lá, era seu melhor amigo. Intervalo? Tragada. Tédio? Tragada. No caminho para casa? Mais uma tragada. Mas o fôlego, ah, o fôlego não era mais o mesmo. Ansiedade também sempre presente. Humberto ignorava, achava que era só uma fase.

Os pais? Preocupados. Conversas longas. “Para com isso, Humberto.” Ele desconversava. “Nada demais”, dizia. A relação começou a se desgastar. Humberto cada vez mais fechado. Mais irritado. A dependência tomava conta. Mas ele não admitia.

A tarde estava chuvosa. Humberto conheceu Roberta. Colega de trabalho. Alegre. Cheia de energia. O oposto dele. Eles se aproximaram. Humberto sentiu algo mudar. Uma faísca. Roberta odiava o cigarro eletrônico. Humberto sabia. Queria impressioná-la. Talvez até tentar parar de vez. Mas o cigarro... o cigarro já era parte de seu corpo. Abandonar? Parecia impossível.

Dor no peito. Forte. Inesperada. Humberto. Meio da rua, voltando do trabalho. Parou. Ofegante. Desespero. Medo. Seu corpo cobrando a conta que Humberto devia. Anos de abuso.

Morte?

Quase.

Naquele instante, com o coração a mil, suor frio na testa, Humberto entendeu. Entendeu que o vício não era inofensivo. Era destrutivo. Agora, sua, vida, era, em suspiros. Ele viu, com clareza, que se não mudasse, talvez, não houvesse, futuro. Não, para, ele. Não, para, Roberta. Talvez, para ninguém. ●

## Manuela Trotta

# Implorava que parasse

Implorava que parasse.

Olhos cansados, voz trêmula. Punhos cerrados.

Mas não havia remédio, a figura no espelho continuava a imitá-la. ●

## João Pedro Haipek Campos

# O mistério da Fazenda Maristela

Me lembro até hoje do dia que marcou minha vida. Nunca pensei que isso iria acontecer. Tinha apenas cinco anos, estava em uma fazenda a que sempre costumava ir com os meus amigos. A manhã lá era sempre muito linda, no meio da natureza, plantas, flores, animais e principalmente um grande gramado verde, com gol feito de bambu, em que passávamos o dia inteiro jogando bola e taco.

Parecia um dia normal, chegava a noite, o sol estava se pondo, o orvalho tomava conta do gramado, um forte barulho da brisa batendo nas grandes árvores, um frio já se sentia na pele.

Chegou a noite. Só era possível escutar o barulho dos morcegos e das cigarras. Eu e meu amigo, como normais crianças de cinco anos, gostávamos de brincar com o perigo. Saímos escondidos de nossos pais, para explorar a fazenda de noite. Um grande breu tomava conta de nossas visões, porém, a grande lua e as estrelas iluminavam nosso caminho. Os morcegos passavam rente à nossas cabeças, o frio era escaldante.

Andamos, andamos, andamos. Chegamos na frente do gramado. De repente, as cigarras e os morcegos se calaram. A lua e as estrelas de-

sapareceram no meio das nuvens. Uma grande calma prevaleceu. Já não víamos mais nada. Quando num piscar de olhos, um clarão toma conta de nossas visões. Paramos. Arregalamos os olhos. O que era aquilo? O clarão foi diminuindo. E, inesperadamente, aquela resplandecência se consolidou em uma mulher totalmente iluminada, com seu filho no colo, parecendo não ter rumo. Tudo em volta dela passou a ficar escuro. Ficamos em choque por dez segundos. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez. E. POW! Escutamos, um estrondo ensurdecedor. A mulher desapareceu. Tudo voltou a ficar escuro novamente, as nuvens passaram, a lua e as estrelas reapareceram, e as cigarras e os morcegos voltaram a berrar.

Olhei no olho do meu amigo. “Você viu isso?”. Ele secamente respondeu “Sim!”. O impressionante de tudo isso é que nada disso nos assustou. Pelo contrário, aquilo acabava de nos passar uma imensa tranquilidade e lucidez. Para nós aquela imagem que acabávamos de ver era certamente uma santa.

Sete anos depois. Voltamos para a fazenda, eu e meu amigo já tínhamos doze anos, dessa vez passaríamos alguns dias no acampamento. Mas nunca havíamos esquecido daquele dia.

Passamos o dia inteiro brincando. O sol já estava se pondo, os passarinhos cantarolavam. Apesar da idade, ainda tínhamos muita curiosidade para saber o que realmente tínhamos visto naquele dia.

Andávamos pelo campo, eu e meu amigo. Um peão após um longo dia de trabalho passava pela nossa frente tranquilo, assobiando uma linda velha música sertaneja. Pensamos que ele poderia ser a pessoa certa para desvendar aquele mistério. Então, logo perguntamos “Por acaso, alguém que mora por aqui já viu uma santa de noite?”. O peão respondeu “Por aqui nunca”.

Então, continuamos andando para o quarto, já que a noite se aproximava. Um lindo pôr do sol no horizonte, com um lindo contraste das montanhas. Os passarinhos já se calavam, as cigarras começavam a berrar, os primeiros morcegos começavam a voar.

Então, a noite chegou. Fomos em direção da sede, nós e todas as crianças do acampamento. Eu e meu amigo lembrávamos daquele dia que havia marcado nossas vidas.

Jantamos. A sede ficava de um lado, nossos chalés do outro. Mais ou menos dez minutos andando. Tudo parecia normal. Uma grande lua, estrelas, os morcegos e as cigarras berrando. Até a hora que chegamos ao gramado. Sempre que passávamos por lá de noite sentíamos algo diferente.

Andávamos em um grupo. Crianças de diferentes idades, por volta de umas vinte, e os monitores. Estávamos quase chegando aos chalés. Porém, o que não esperávamos aconteceu. Na verdade, não com a gente. Começamos a ouvir uma gritaria. Tomamos um susto. Olhamos para o lado. Um menino mais novo estava totalmente paralisado. Ele olhava para um ponto fixo, para o outro lado do gramado. Os monitores começaram a gritar. Ele não respondia. Nos aproximamos. Seus olhos estavam arregalados. Uma única lágrima, então, escorreu. Ele estava pálido. Suando. Então, num piscar de olhos, sim, ele saiu correndo para a sede, já que era muito novo e seus pais estavam lá.

No dia seguinte, acordamos todos com medo. Não sabíamos o que tinha acontecido. Então, logo corremos para a sede. Perguntamos para os pais do menino o que tinha acontecido, eles, então, assustados responderam “Meu filho viu uma coisa no gramado, disse que foi uma pessoa clara, perto da mata, deve ser só imaginação”. Eu e meu amigo nos olhamos...

E, até hoje, com 16 anos, eu e meu amigo não sabemos o que realmente vimos. Para nós, foi uma santa. Para o menino, eis a questão. ●

# Helena Angelim

## [sem título]

Emily se despede do pai. Olhos doídos, coração machucado. Entra no avião. ●

## Emanuel Pires

### Progressão

Os olhos azuis e roxos despertam no barulho silencioso de sirenes sussurrando. Vía o corredor que cai, o ser bizarro de braços, pernas, dedos, cabelos, boca e nariz nada pelo céu surpreendendo os passantes, inclusive a aranha bebendo chá e a névoa cavalheira. Usa um estranho emaranhado de fios sobre a lisa pele, que se enlaçam de forma a cobrir de todo seus membros inferiores e seu destorcido tronco, deixando de fora braços e uma cabeça que se conectam ao corpo por juntas que lhes conferem movimentos surreais. Mas nada disso importa, pois o ser está atrasado. Felizmente pega carona com a lesma e a tartaruga, que em sua lerdeza lhe ganham tempo, agora duas voltas no relógio mais cedo, bem melhor que apenas meia.

Me interrompo, leitor, para dizer que não acredito na não linearidade e falta de progressão. O regresso em si é uma forma de avanço, consequência de um conjunto de ocorrências imutáveis e que devem, portanto, simplesmente serem aceitas em sua desgraça ou felicidade, com esse estranho fato se impondo sobre as curiosas criaturas que somos todos os dias, forma como nomeamos essa progressão. Já a palavra

nomeamos como nomeamos a arte de conferir nomes. Essa história narra um mundo muito mais natural que o nosso, simplesmente lógico e fluído em sua disposição. No entanto, por inveja dessa realidade, me recuso a obedecer a seu tempo, e finjo que ela também segue o que chamo progressão e, portanto, narro o seguinte no passado, por ser anterior ao que narrava até aqui.

Por saber de sua importância, o relógio não gostou que brincassem assim com ele, e rodopiou seiscentos e sessenta graus. A criatura saiu rolando apressada avisando ao relógio que voltasse a girar quando chegou para o xadrez com o olho cego. Nervo e mão apertados, sentou-se no ventilador, e o globo pendurou-se no chão.

A partida começou, o olho abrindo com o mais quatro na F3, batendo no relógio de mesa com tanta força que esse começou a chorar. Pegando o *Manifesto comunista*, a besta adversária daquele que nada vê engoliu a mais quatro via união do proletariado. Acariciou o relógio para que se acalmasse, mas ele se revoltou e foi embora, levando o *Manifesto* com ele. A partida se seguiu com o olho jogando a tesoura que foi esmagada pelo papel da criatura. Quando o escudo que tudo defende e a lança que tudo fura se encontraram, conversaram e decidiram que não era hora de resolver o paradoxo e que o escudo venceria por WO. Decisão justa, pois da última vez havia sido a lança a vencer pelo mesmo modo. Prosseguiram o elefante e o rato, a escada e o elevador, e uma a uma se foram as peças do olho.

Novamente me interrompo, leitor, para avisar algo de suma importância. Nesse tempo o dorminhoco relógio estava ativo e caminhou mais rápido do que estava habituado, portanto chegando ao horário que corresponderia com o que teria se passado de tempo seguindo nossas normas desde o começo da história. Portanto, volto a narrar no presente, já que tal forma me agrada e é coerente progressivamente falando. Para não me incomodar novamente e aqui aparecer, aviso que caso mude novamente o tempo da narrativa tal é consequência dos caprichos do relógio.



Por fim, depois do professor de redação se retirar do tabuleiro para evitar a falácia que se postava diante de si, ao globo só resta o rei. No entanto, o relógio de mesa tem um problema com relacionamentos abusivos, nos quais sempre se coloca, e ajuda seu amado ao convocar metade das peças da criatura para o lado do cego. Novamente, se debatem as peças até que, após o 22 e o 28, se perderem, acreditando nas mentiras que contaram após tanto repeti-las, sobram somente os reis de cada lado. O olho recorre ao relógio, mas, no tempo que se passou, esse havia visitado o terapeuta. Esse lhe foi ainda mais abusivo que o globo, assim fazendo o marcador de tempo se apaixonar perdidamente. Os dois jogadores, então, não têm escolha além de mandar os reis para o combate.

Cada rei sacará de sua cintura um garfo e com esse batalharão, girando após cada encontro do metal, que irá fazer bolhas de sabão voar no ar, como há de ser sempre que o ferro se chocar com força. Estes lutarão depois saleiro contra pimenteiro. Como o saleiro na verdade terá canela, alergia do outro rei, o dono do saleiro vencerá a disputa tão acirrada. Derrotada, a criatura agora terá de arcar com as consequências da virada. A punição será sonhar.

Mais uma vez atrapalho o leitor agora para afirmar que sim, em qualquer xadrez, há rei. Também aproveito e informo que o relógio há agora de retornar à familiaridade, por decidir por milagre correr normalmente, ou talvez não poder fazer de forma diferente. Se assim não fosse, também eu mudaria, pois já me cansa esse jogo de vai e volta no tempo da narrativa.

Quando adormeceu, o que ao olho, tão cego em suas visões, pareceu tola punição, para a criatura se revelava um verdadeiro inferno. O pesadelo começou com as cores de seus olhos, única parte em que se considerava bela, perdidas, agora ambos de um azul monótono. Estranha plataforma em que se deita, bizarra a caixa em que guardadas estão curiosos panos como o que agora veste. Tenebrosa a face que lhe é semelhante ao chamar-lhe com a distorcida voz para um dia que promete nada mais que um progresso constante e sem propósito, apenas

imutável e impessoal. Ali os olhos que não viam não jogavam xadrez para compensar a cegueira, nem os manifestos lhe serviam de peça. Não podia nadar no ar, e se seguisse a lesma apenas se atrasaria.

A voz lhe clamava que a seguisse, para ver outros como ela, outros seres incompreensíveis e estranhos em seus modos, confusos ao se explicar por não saberem como. Todo dia que dormia, a menina tinha esse mesmo pesadelo, e já estava cansada de como ele prosseguia. ●

## Isabela Palma

### Ansiosa

Olhava pela janela e não via nada.

Mesmos carros, mesmas casas, mesma árvore de flores amarelas.

Mesmo céu, escuro, escuro, escuro como as formigas na jabuticabeira.

Estava frio, muito frio.

Deitei-me na cama. Não aguentava mais olhar para aquela tela e ver nada.

Sentir nada.

Ou pelo menos achava que era nada.

Vulcões, terremotos, tsunamis, tremiam os meus dedos.

Cachorro, vizinho, morte me desesperava.

Tempo, pessoas, medo, bebia um gole d'água.

Falar, sussurrar, gritar, gritava.

Gritava?

Não sentia a ponta de meus dedos e nem o palpitar de meu coração.

Não sabia o que era, mas queria sair daquela situação.

Olhei para a janela, caminhei em sua direção.

Abri a janela e subi em suas extremidades.

Ofegante, olhei para baixo.

Mesmos carros, mesmas casas, mesma árvore de flores amarelas.

Mesmo céu, escuro, escuro, escuro como as formigas na jabuticabeira.

Me inclino e sinto o vento gelado engolindo o meu ser.

Sozinha, sozinha, sozinha.

Nada, nada, nada.

Em forma de contratempo, meus pés se movimentam para dar um passo.

Um barulho chama minha atenção.

Uma notificação.

Desço da janela, vou até a cama.

Olho o celular, uma mensagem de “boa noite, até amanhã”.

Meus dedos trêmulos cessam.

Meu coração palpitante se acalma.

Fecho a janela.

Deito-me na cama.

Vou dormir. ●

## Suzana Crespim

### Desafio

Tava todo mundo sentado em uma roda, no meio do aniversário, com a garrafa deitada no centro. A Heloísa, a Amanda, a Sarah, eu, o Daniel, o Fernando, o Leonardo e o João. A gente já tinha brincado disso várias vezes, mas daquela vez todo mundo estava sentindo que tinha alguma coisa muito estranha. É, pensando bem não foi muito esperto jogar isso dentro de um brinquedo de fliperama, aqueles de cabine com cortinas, que tinha na festa do Pietro naquele dia. Durante tudo isso, a única coisa que consegui pensar era o quanto eu queria que escolhessem entre mim e o Fernando, meu sonho.

E estava esperando, muito ansiosa, para girarem aquela garrafa, um simples objeto podia realizar meu maior desejo, era só ter sorte.

O Dani girou, a primeira girada daquele dia. Caiu na Amanda, que teve que gritar “pir\*c@” o mais alto que conseguia.

A Amanda girou. Caiu no Leo, que contou pra gente que ele gostava da Carol do 5º A.

O Leo girou. Caiu no João, que teve que dar um beijo na nuca da Helo e da Sarah.

O João girou. Caiu em mim. Todo mundo sabia que eu gostava dele, eles eram meus melhores amigos, era obrigação deles fazerem meu sonho de beijar o Fernando se realizar. Escolhi desafio e por sorte, me desafiaram a dar um selinho nele por 10 segundos.

Estava nervosa, mas animada, depois de dois anos eu finalmente ia ter o que eu tanto queria.

Ficamos um na frente do outro, com todo mundo em volta olhando, fechamos os olhos ao mesmo tempo e começamos a nos aproximar, finalmente ia acontecer!

Eu tava muito perto de encostar meus lábios nos dele, quando ouvimos um estouro bem alto e seco e, logo em seguida, gritos, nos assustamos e nos afastamos um do outro. Nenhum dos dois pararam, mais estouros e mais gritos.

A gente pensou que eles tavam estourando balões, como em toda festa.

Senti uma dor ardida no meu estômago, coloquei minha mão pera ver o que era e, quando tirei, ela tava coberta de sangue. Tinha um buraco no brinquedo, que vinha exatamente na direção da minha barriga. O melhor dia da minha vida virou o pior, em alguns segundos.

Todos os meus amigos gritavam e choravam, menos o Fernando. O Fe me segurou em seus braços e começou a fazer pressão para eu parar de sangrar. Ele era só uma criança, como todos nós, mesmo assim tentava me manter viva com a força de sua mão.

Comecei a sentir meus olhos fecharem aos poucos, só conseguia ouvir ruídos e sons embaralhados.

Ficou tudo preto, não enxergava mais.

A última coisa que senti foram os lábios do Fernando nos meus. ●

## Mila Rubinstein Joseph

### Corredores de sangue

Já tinha se passado cerca de 40 minutos.

40 minutos trancada por entre aquelas quatro paredes que praticamente me esmagavam.

Eu tinha apenas 7 anos quando tudo aconteceu.

Achava que meus cabelos ensanguentados me fariam ser facilmente identificada.

Naquela época eu morria de medo.

Morria de medo de ser encontrada.

Eu com certeza não me sentia segura estando presa dentro daqueles corredores.

Porém não havia tido tempo.

Não havia tido tempo para nada mais elaborado.

Eu até gostava daqueles corredores.

Gostava de correr neles mesmo sempre levando bronca por isso.

Eu estava presa por entre quatro paredes, que quase me impossibilitavam de me mexer, quando, de repente, ouvi passos se aproximando pouco antes do pior acontecer.

Eu estava em absoluto silêncio.

Não lembro de outra situação em que fiquei tão quieta como naquele dia.

Naquele momento.

Eu sabia que não era mais a única pessoa presente naqueles corredores.

E era isso que mais me assustava.

Não sabia ao certo quantas pessoas estavam passando pelos corredores, mas ouvia três vozes fortes se aproximando cada vez mais.

Tinha medo de que meus cabelos ensanguentados me entregassem.

Até que...

As vozes simplesmente sumiram!

Não ouvia mais sequer uma voz por entre aqueles corredores.

Senti um alívio inexplicável que até parei de me encolher e larguei minhas pernas.

Sabia que teria poucos minutos até que eles voltassem, então, resolvi encolher minhas pernas novamente para ficar preparada.

Esqueci o quão alto as paredes daquele armário faziam barulho e...

“Te achamoos! Finalmente!”

Eles pareciam cansados, mas satisfeitos por terem me encontrado.

O jogo tinha acabado.

Tinha sido a última a ser encontrada, e ninguém aguentava mais passar tanto tempo assim me procurando em todas as rodadas. ●



# Gabriel Queiroz

## [sem título]

O menino amedrontado encarou a forca. Pronunciou a sua última letra e ganhou o jogo. ●

**André Ribeiro**

## **A vida vale uma garrafa?**

Eu achava que não, mas sua simplicidade me atingia de tal forma que não sabia explicar. Gelo, tônica e gin, três elementos que em questão de minutos transformavam minha casa em um zoológico e meu gato Milos em um leão, a vida chata e entediante agora era legal e satisfatória.

No meu último emprego, eu era jardineiro de uma bela casa nos Jardins, mas certo dia, por conta de uma golada, fui demitido e acusado. Eu não deveria ter roubado uma garrafa de whisky do patrão, mas também, quem não roubaria uma garrafa de Macalan? O que vale mais que eu gole de bebida de rico?

Mesmo que eu já tenha pagado pelos meus atos, eu ainda estou no mesmo buraco. A cada vez que saía, descia duas vezes mais fundo. Para sair desse buraco, só quebrando as garrafas, garrafas essas que me moldavam.

Era tarde quando eu voltava da festa, não sei muito bem de quem era, quando estava prestes a descobrir, fui jogado para fora.

Nas margens do acostamento da Fernão Dias, não lembrava de muita coisa, apenas do sabor daquele elixir, possivelmente extraído do

mais puro solo, que me dava forças e alegria, uma Heineken que tinha pegado durante a festa.

No que parecia ser uma carreta virada, uma porta se abria para o paraíso, centenas de blocos e malotes de ouro, que ali mais pareciam com caixas abarrotadas de garrafas de cerveja. Sem ninguém por perto, apenas a luz da lua, debrucei-me sobre o meu tesouro.

Em meio ao paraíso na terra, nada mais poderia me abalar, exceto uma luz que vinha cada vez mais perto e mais rápido em meio à rodovia, luz essa que quebraria meu tesouro em milhares de pequenos cacos de vidro. Agora as garrafas, mesmo quebradas, não me tirariam do buraco e sim me fariam ficar lá para sempre. ●

## William Oliveira

# Problemas familiares

Um garoto com problemas familiares enfrenta uma decisão que mudará sua vida.

Decide acabar com todos os seus problemas e dores.

Vai morar sozinho. ●

## Gabriela Farias Chagas

### O peso da ganância

Era 1929, o brilho das ruas de Nova York refletia o otimismo. Renan, um homem de 48 anos, alto, de cabelos escuros, com um olhar intenso, andava sempre de vestimentas casuais, tinha barba e um cavanhaque. Era um investidor ambicioso e determinado, que acompanhava de perto o ritmo frenético da bolsa de valores. No seu escritório, o sucesso e a ambição o moviam. Ele era determinado a alcançar novos patamares, era o exemplo vivo do sonho americano, o sucesso para ele não era uma conquista, mas sim uma necessidade. Porém, quanto mais a ganância aumentava, mais o mundo ao seu redor girava em alta velocidade.

Renan, com sua habilidade em fazer fortuna, ficava cada vez mais envolvido em investimentos arriscados, apostando em ações e empresas promissoras. Seu estilo de vida luxuoso e sua confiança desmedida chamavam atenção, mas também atraíam muita inveja. Ele era conhecido como alguém que sempre sabia o momento certo de investir e lucrar. Entretanto, o mercado estava começando a dar sinais de instabilidade, embora ele se recusasse a acreditar que algo poderia ameaçar seu domínio financeiro. No seu escritório, uma coleção de telefonemas e papéis

estavam espalhados, cada detalhe refletia a intensidade de seu trabalho e sua desesperada tentativa de evitar o fracasso.

Nos dias que antecederam a falência, as notícias sobre quedas nas bolsas internacionais começaram a se espalhar por todo canto. Renan, determinado a manter sua posição, ignorou os alertas e continuou a investir grandes quantias. Sua confiança foi testada quando outros investidores começaram a vender suas ações e a tensão no mercado aumentava. A pressão se intensificava à medida que a crise econômica global se intensificava. Ele observava desamparado enquanto as ações perdiam valor rapidamente, e as perdas acumulavam-se.

Aos poucos, seu escritório luxuoso tornou-se um espaço de desespero e solidão. As festas luxuosas a que Renan ia frequentemente haviam acabado, e os telefonemas de amigos de negócios se tornaram incessantes. Ele tentava desesperadamente encontrar uma solução, planejando estratégias e analisando gráficos, mas cada esforço parecia em vão. A cada dia, o peso de suas decisões erradas o esmagava ainda mais.

Consumido pelo desespero, Renan fez uma última e desesperada tentativa de recuperar sua fortuna. Investiu suas últimas economias em uma operação de alto risco, mas o mercado não deu trégua. As ações desabaram em um colapso total, e ele percebeu aterrorizado que a situação era irreversível. A frustração e o medo tomaram conta dele, e o futuro, que antes parecia promissor, agora se revelava um abismo sem fim.

Em um alto desespero absoluto, ele decidiu terminar com sua vida, encerrando o ciclo de frustração e medo. A notícia rapidamente se espalhou entre seus colegas investidores. Seu suicídio tornou-se um triste lembrete das consequências extremas, um exemplo sombrio de falência e desespero. Seu nome passou a simbolizar tanto o potencial de sucesso quanto o abismo do fracasso no mundo financeiro. O escritório de Renan, uma vez vibrante com negociações, permaneceu vazio e silencioso, refletindo a devastação que o excesso de ambição e a falta de precaução podiam causar. ●

# Heloísa Sulzer

## Bagunça

A bagunça atormentava o menino.

Do corredor, os passos ficavam mais altos e os gritos mais furiosos.

A maçaneta gira.

Ele se encolhe.

Sua mãe o repreende.

Estava mesmo uma bagunça. ●

## Lucas Marchetti

### Tributo à vida

Todos os dias, via Alberto, um senhor de certa idade, entrando em um galpão, sempre com a aparência cansada e fria. Ele adorava mexer com corpos, tirando seus braços e pernas, vestindo-os. Depois de um tempo, ele chegou até a ficar famoso pela cidade.

Toda manhã, antes do sol nascer, Alberto chegava com uma precisão militar. Pegava um dos corpos e começava a operação com uma delicadeza de cirurgião. Primeiro, ele removia os braços. Com um olhar de profundo respeito, colocava um terno sob medida na figura esquelética, ajustando a gravata à força.

À medida que o tempo passava, os boatos sobre Alberto se espalhavam pela cidade. Alguns diziam que ele era um médico aposentado com uma estranha obsessão por cadáveres. Outros sussurravam que ele havia perdido toda sua família e agora dedicava sua vida a "vestir" os mortos, uma forma peculiar de manter viva sua ligação com eles. O galpão, antes ignorado, passou a atrair olhares curiosos, mas ninguém ousava entrar.



Certo dia, porém, um jovem jornalista, intrigado pelas histórias, decidiu investigar. Ao chegar bem cedo, antes de Alberto, encontrou a porta entreaberta e entrou silenciosamente. No centro do galpão, cercado por manequins e araras de roupas, ele viu algo que jamais imaginaria. Os corpos que Alberto manipulava, afinal, não eram cadáveres, mas manequins sem vida, dispostos de forma macabra, como se fossem preparações para um funeral.

Quando Alberto finalmente chegou, ele não se assustou ao ver o rapaz. Com um sorriso cansado, mas gentil, ele explicou:

— As pessoas veem o que querem ver. Eu apenas trabalho com o que sobrou de quem já se foi. Esses manequins, para mim, são lembranças, um tributo à vida que todos, um dia, perdemos.

O jovem jornalista, sem palavras, saiu dali com uma história totalmente diferente da que esperava. Alberto não era estranho, apenas alguém que havia encontrado uma maneira de lidar com a própria solidão. E, de alguma forma, o galpão se tornava menos sombrio a cada manhã que ele voltava para vestir seus companheiros silenciosos. ●

## Felipe Fonseca

# Menino safado

Um menino safado, em um momento de prazer, estoura o champanhe. Feliz ano novo! ●

## Thomas Burmester

# A paixão

A paixão! A paixão é algo inexplicável, um sentimento que, quando entra no coração, entra como uma flecha que desperta todos os sentidos mais bonitos da vida. O amor! O amor vem após a paixão, e vem com mais força, porém com menos excitação, e sim com mais calma.

Foi exatamente isso que senti por ela durante toda a minha adolescência. Nós éramos da mesma escola e sempre moramos perto um do outro, o que facilitou nossas vidas, a nossa paixão e o nosso amor. Dei sorte, já que esses sentimentos tão lindos e exaltantes eram recíprocos da parte dela, mas qual sentimento tem um fim? Será que é a paixão? Ou será que é o amor?

A paixão. Ah, ela veio como um raio, rápida e devastadora e, por um tempo, nos preencheu por inteiro. Cada troca de olhares, cada toque de mãos, era como se o mundo ao nosso redor desaparecesse. Vivíamos em um universo só nosso, onde os dias eram mais longos e as noites mais curtas, porque dormir parecia um desperdício quando poderíamos estar juntos.

Mas, com o passar do tempo, percebi que a paixão, aquela chama que queimava intensa, começou a ceder espaço para algo mais profundo, mais sereno. O amor. Ele não nos empurrava com a mesma urgência, não fazia o coração acelerar descontroladamente, mas nos envolvia como uma brisa suave, constante e segura. Nos fazia sentir que, mesmo quando o silêncio preenchia os momentos, estar perto era o bastante.

Só que o tempo, o velho e implacável tempo, tem seus caprichos. Aos poucos, percebi uma leve mudança nos olhos dela, uma distância que não se media em quilômetros, mas em pequenos gestos que antes não existiam. O riso dela ainda era lindo, mas já não ressoava como antes; os abraços eram calorosos, porém não tinham a mesma intensidade. Eu me perguntava: seria a paixão que estava se esvaindo, ou seria o amor que estava se transformando?

Os dias passaram, e eu comecei a me perguntar se todo sentimento inevitavelmente chega a um fim. Será que o que um dia nos fez acreditar que poderíamos conquistar o mundo juntos ainda estava lá, adormecido, ou seria apenas uma sombra do que já foi?

Foi em uma tarde comum, depois de uma conversa longa e silenciosa demais, que eu entendi. Não era que a paixão tinha acabado ou que o amor havia se perdido. Na verdade, o que nos unia agora era um misto de lembranças e esperanças não cumpridas, algo que não se encaixava mais no presente. Tínhamos mudado, e nossos corações, antes tão sincronizados, agora batiam em ritmos diferentes. ●

## Vinícius Zini

### [sem título]

Um homem de preto em cima da cama. Uma pilha de roupas. ●

## Gabriel Padilha

# Amizade toda vida

O fraco ressoar do vento me fizera despertar repentinamente. O completo silêncio que se instaurara quarto adentro nem de longe era algo que me causasse angústia alguma, bem pelo contrário, a plenitude há tanto me acompanha que já nem a noto, apesar de seu papel ser, a princípio, apenas afundar-me mais ainda num poço de mágoas do qual há tempos tento me desfazer.

Então, parti para outro dia de não muitos afazeres, enquanto a alvorada pincelava a escuridão deixada pelo crepúsculo. Olhar para o céu era algo que me fazia bem desde pequeno, ainda mais quando, acima do morro, o mais límpido dos céus se fixava em tons suaves e cadentes dum amarelo brunido dançante à companhia dos sabiás.

Virei meu olhar para a cabeceira, lá estavam os óculos e algumas fotos. Retratos os quais representam a companhia que tive o gosto de partilhar décadas, pena que esse ciclo se encerrara. Desde o último dos dias em que Elize me fizera feliz, tento enxergar de fato a beleza da vida. Vez ou outra consigo, no entanto, tais esforços são em vão.

Julgo que desde a partida dela, o meu maior desafio é apenas estar aqui, vivendo os dias um a um. De um jeito tanto metódico, sempre vou à cozinha antes das oito, sentindo, durante a maior parte do tempo, a brisa leve e fresca que preenche todo o primeiro andar. Como de praxe, o clima de cá, tal qual uma pena, alicia a todos que se dão um luxo que há tempos sumira em uma jornada em comum que se instalara de correrias e confusões. A tranquilidade.

Os dias monótonos sem dúvidas sempre foram a melhor das partes de toda a vida. Mesmo jovem, não conseguia ver graça em virar ma-drugadas, festejar cada encerramento de sexta ou correr grandes riscos. Eles eram mais coloridos em uma época na qual eu sentia que tudo valia a pena, que tudo dava-me gosto. A última década fora de tanto sofrimento que apenas Max fazia-me levantar da cama.

Coloquei a razão para ele. O prolongado e incessante afeto que ele me transmitia por muito tempo foi-me mais do que um porto seguro, era algo como uma capa que por tanto me tomou a ponto de eu já não levar à mente qualquer queixa passada ou externa a nós. Poderia ser uma batalha social e empática fazer-me sair de uma relação afetiva a dois, mas jurava que não o fazer seria o melhor, para ambos.

Chegara então a hora do banho de sol, não fazia questão por mim, mas por ele. Tempos que mais me satisfazem são aqueles em que a natureza colabora conosco, aqui já mal importa horas, minutos, quem dirá os segundos. Seguindo rotina, nós dois fazíamos das gélidas e envelhecidas pedras da escadaria nosso tapete dourado que tanto guarda o calor duma paz.

Dali a pouco, devaneios tomaram conta de mim. As tantas histórias, memórias, aventuras e desconstruções de uma vida se moldam no que nada mais seria do que um lindo sonho onde o que já há de ser vivido foi-se com a maior das plenitudes e a mais límpida das consciências. O maior dos temores, ali, sem dúvidas seria a própria finitude do momento. Apesar de tudo, ainda via valor e paz em cada instante.

No entanto, o malévolo aparelho ainda me vinha à mente. Já mal haveria de ter notificações, por tantas épocas passei a me afligir enquanto um fervoroso homem refém de seus hábitos e vícios maiores. Há duas décadas, librei-me de tal coisa. Desde o primeiro passo após o despertar até o último antes de repousar, não desperdicei sequer um momento para aquilo que apenas prometia me tirar o gosto dos mais saborosos prazeres do viver. Só de imaginar o quanto me perdi enquanto achava que sabia exatamente onde estava...

Depois de um período em que para a minha satisfação já não havia mais a noção de quão extenso seria, o sol se pôs a encolher. Junto a ele senti todas as minhas forças irem embora de uma forma estranha, complexa e nova. Sentia-me bem fisicamente, mas, ao ver Max repousando cada vez mais, comecei a repensar minha estadia aqui.

Com o gramado privado de qualquer apreço, o que restava seria a casa em seu interior. Meu baú estava tão vazio quanto eu. Lembro-me dos diversos tesouros, seja de quando tudo era leve, falado, conversado, trocado. Ou mesmo os festejos das chegadas e eterno silêncio das despedidas. Nada mais ali havia.

Tinha já o reconhecimento de que cada lado do pobre, velho e suave sofá já havia sido predestinado pouco mesmo após chegar. Max, é claro, detinha a preferência a si.

Mesmo que nos últimos tempos eu tenha passado as minhas horas do pôr do sol ali, o que me custou foi reaprender a preservar a mim mesmo. Não estou falando de regalias, viagens ou desventuras, mas o que há de mais profundo, manter-me são e feliz.

Às escuras o silêncio se instaurava para mais horas de descanso, não me dava nesse ponto a culpa de julgar o que fiz ou deixei para não sei quando. Por outro lado, podia ali estar tão relaxado a ponto de não ser mais uma preocupação a questão do que já havia jogado fora, apenas visava meus momentos de maior apreço, com meu maior companheiro.



Em questão de minutos, lá estava ele esperando afoito o jantar seguido de repetidos afetos mútuos em que nos revezávamos. Mudo, eu partilhava uma alegria inconfundível e quase que insuperável tratando do humano, a melhor maneira de se certificar de um bom trato é pela resposta da companhia que não fala, mas transmite, não briga, mas demonstra suas mágoas. E isso não tem preço.

Jantamos e voltamos a nos deitar no sofá. Com a manta sob o corpo latejante de apreço, ele se redobrava em mim e eu sob ele. Nossos corações se moldavam quase que em um só, e a prova da confiança sempre vinha em forma de um descanso pleno, não importa de que lado. Enquanto já alcançávamos o terceiro programa, o calor diminuiu, o silêncio aumentou, e, para ele, o pobre coração cessou. Esperava-lhe agora o feliz e eterno descanso no lugar da alegria e abraços afoitos. Para mim, o destino não tinha muito como ser diferente, decidi, então, apenas adiantá-lo. Sem ele, tudo daqui já não fazia mais sentido. ●

# Enrico Giannoni

## [sem título]

De cara com a morte, corta! ●

**Enrico Nasr**

## **Raízes de concreto**

— Truco! — gritou Ernesto, quase dando um tapa na mesinha de plástico repleta de propagandas de cerveja.

Seu melhor amigo, Eusébio, teve vontade de chutar aquela mesa em direção ao teto com uma força que nem o ex-jogador Roberto Carlos poderia alcançar. Afinal, perder de zero contra quem considerava rival era algo que nunca havia acontecido com ele. Contudo, um fator lhe impedia de libertar sua raiva ao querer acertar aqueles banners de bebida, que naquele momento pareciam alvos: seus pés estavam fincados na camada de concreto, que também era chão, do “Esquina da Amizade’s bar”, situado em uma região periférica da Zona Leste.

Eusébio tinha apelidos de “Zé”, “Parmera” — porque, para seus amigos corinthianos e são-paulinos, a única coisa em comum entre ele e seu time era a Pinga 51 —, “Skol” — um apelido carinhoso pelo qual só o dono do bar o chamava, visto que o símbolo dessa droga lícita dialogava com a rotina de seu cliente preferido —, “Zé do truco”, “Portuga” e outros que variavam conforme o público que chegava ao bar. Isso ocorria porque lá ele era a atração, já que sua presença era garantida

independentemente do momento, casamento, seu temperamento e seu time, que, se estivesse em zona de rebaixamento, levaria o bar à falência devido à sua atração pelas garrafas e latinhas. Parece óbvio o motivo de todo esse carinho acerca de um homem, não é mesmo, caro leitor? Afinal, os pés dele eram de concreto.

A memória dos mais novos relata que o “Portuga”, ícone da região, os inspirou a frequentarem o bar desde seus 14 anos. Vale ressaltar que o sobrenome dele, assim como o próprio cartório, era desconhecido, e o seu nome foi revelado anos mais tarde através da boca grande de José, vulgo “Zézão” ou patrão, o qual era proprietário da moradia de Eusébio.

— Mudanças são “necessária”... — dizia o patrão, enquanto tentava rimar conforme olhava o “Zé do truço” e pensava sobre a vida.

José sempre foi fã da cultura rap brasileira. Cresceu ouvindo Racionais MC's e o verso “Preto e dinheiro são palavras rivais, é!”, da sua música favorita “Vida Loka, pt. 2”, sempre ressoou em sua mente. A ambição, a virtude que, no mundo contemporâneo, só é virtude se não precisamos de um constante consumidor, começou a florescer na sua vida. Assim, o futebol brasileiro passou a ser seu principal alvo para concretizar seu verdadeiro sonho, sempre dizendo que ia ter uma renda proporcional à sua melanina.

Quando julgou que já tinha idade suficiente para seguir rumo à carreira, deixou a escola de lado ao finalizar o Ensino Fundamental. Fez peneira para entrar na base do Corinthians, onde conheceu Eusébio, menino extremamente talentoso e que fazia os olheiros disputarem entre si para quem iria catar aquele moleque. Por outro lado, José estava jogando extremamente mal naquele dia, pois era o zagueiro que tinha de marcar aquele que parecia o novo Pelé. A inveja, então, embebedou nosso futuro querido “Zézão”, caro leitor, já que ele incentivou e propagou que uma verdadeira comemoração de alguém que entra na base corinthiana só deve ser atendida por bebida. Eusébio se tornava “Parmera”, José, patrão.

De volta ao presente, “Zézão” se engasgou sem nenhuma bebida. Suava um pouco frio ao lembrar de sua história com seu cliente.

— Mudanças são “necessária”... — repetia o patrão, enquanto ainda tentava rimar, conforme olhava Eusébio de Almeida dos Santos que passara a beijar o chão e se tornar um com o concreto. José desistiu de rimar. Passou a cantar um trecho da sua música predileta, imitando o jeitão do Mano Brown:

— “O seu enterro foi dramático como um blues antigo / Mas de estilo, me perdoe, de bandido / Tempo pra pensar, quer parar, que cê quer? / Viver pouco como um rei ou muito como um Zé?” ●

**Isabela Vasconcellos**

**[sem título]**

A menina com braços ensanguentados limpou seus machucados.  
Continuou andando de skate. ●

## Guilherme Ferreira

### Repetição

Nas escuras e silenciosas madrugadas do Japão feudal, encontrava-se frequentemente entre os campos, um jovem, de longos cabelos e olhos cansados, que treinava com a sua espada tão silenciosamente e com tamanha suavidade que era difícil o notar.

Quando era pequeno, Kenji e sua família sofriam da trabalhosa realidade da vida camponesa, mas eram felizes. A felicidade, entretanto, subitamente chegou ao fim quando, de dentro de um armário, ele viu seus familiares virarem pedaços carnudos fatiados pelas lâminas afinadas de samurais. Esses haviam sido mandados pelo senhor feudal rival de sua vila, que buscava a ruína de seu inimigo.

Diante de tantas emoções passando por ele, que conflitavam entre si para sair, nenhuma saía. Ele passou tempos sem mover sequer um dedo. Foi encontrado momentos depois por outro grupo de samurais, desta vez comandados pelo dono de seu feudo, dono esse que o acolheu e cuidou dele, pois sabia qual era, a partir daquele momento, a sua maior vontade e desejo.

Kenji, desde então, treinou dia e noite e, por falta de opção de carreira por passar cada segundo livre segurando uma espada, acabou se tornando um samurai e servindo seu senhor feudal em algumas missões.

Tornou-se uma sombra nos campos de batalha, movendo-se com precisão e letalidade, seu coração ardendo de vingança e sua mente focada apenas em um objetivo: encontrar e matar o senhor feudal responsável pela morte de sua família. A cada missão, a cada vida ceifada, ele sentia-se um passo mais próximo de sua vingança. No entanto, em seu íntimo, uma sombra crescia. Ele mal percebia que, a cada golpe de sua espada, afastava-se mais do menino que fora e se tornava parte do mesmo ciclo de violência que o transformara em uma arma.

O dia finalmente chegou. Kenji e seus companheiros de armas invadiram o castelo do senhor feudal inimigo. Ele caminhou pelos corredores, cortando qualquer um que ousasse atravessar seu caminho, até que finalmente chegou à sala onde seu alvo o aguardava. O senhor feudal, agora velho e impotente, olhava-o com desprezo, como se soubesse que o fim estava próximo. Sem hesitar, Kenji brandiu sua espada e, com um único golpe, acabou com a vida do homem que destruíra a sua.

Mas antes que pudesse sequer sentir o peso da vingança concretizada, ouviu um som suave. Atrás de uma porta entreaberta, ele viu um menino, de não mais que sete anos, observando com olhos arregalados. Era o filho do senhor feudal, que havia testemunhado tudo, tal como Kenji fizera anos atrás. O menino estava paralisado, o rosto uma máscara de terror e confusão.

Kenji congelou. Viu-se refletido nos olhos da criança. A mesma dor, a mesma perda. Por um instante, todo o ódio e a sede de vingança que o haviam movido evaporaram, deixando apenas o vazio. Ele sabia, naquele momento, que a história estava se repetindo. Ele havia se tornado o monstro que um dia odiara.

Sem dizer uma palavra, Kenji embainhou sua espada. Ele caminhou até o menino, que continuava tremendo de medo, e ajoelhou-se à



sua frente. Em um gesto inesperado, estendeu a mão e acariciou os cabelos do garoto. “Eu não deixarei que você se torne como eu”, murmurou. E, ali, tomou uma decisão.

Voltando-se para o resto dos samurais que o acompanhavam, Kenji viu em seus rostos a mesma sede de sangue. Não poderia permitir que mais crianças passassem pelo mesmo ciclo de dor. Num movimento rápido e letal, ele sacou sua espada e cortou todos, um por um, sem remorso. Seu próprio senhor feudal, o homem que o havia acolhido, que o moldara para a vingança, foi o último a cair. Kenji o olhou nos olhos, vendo a surpresa e a compreensão surgirem tarde demais.

“Você me usou para alimentar esse ciclo de ódio”, Kenji disse, antes de dar o golpe final.

Com todos mortos ao seu redor, ele pegou o menino nos braços. As espadas manchadas de sangue, as bandeiras dos clãs inimigos, tudo aquilo não significava mais nada. Ele deixou o castelo em silêncio, carregando consigo apenas o garoto, o último vestígio de uma linhagem de violência que ele se recusava a continuar.

Nos meses seguintes, Kenji abandonou a espada. Retornou aos campos onde havia crescido, agora com o menino ao seu lado. Ele ensinou à criança as artes do cultivo, o valor do trabalho, a simplicidade de uma vida longe das guerras e intrigas. Por mais que o menino inicialmente o desprezasse, eventualmente seu coração se abriu aos seus ensinamentos. O peso da espada foi substituído pelo peso da enxada, e o sangue derramado foi esquecido na terra fértil que agora trabalhava.

Kenji, que um dia fora consumido pela vingança, escolheu viver em paz. O ciclo de ódio e morte havia sido quebrado. E, enquanto via o menino correr pelos campos, uma nova esperança nascia, de que o futuro não precisava repetir os erros do passado. ●

**Francisco Piaç**

## **Invasão**

O velho com a barba branca e uma sacola invade a casa à noite.  
Deixa os presentes embaixo da árvore. ●

**Eric Havt**

## **Luz no coração**

E eu que agora moro nos braços da paz e ignoro o passado que hoje você me traz.

Sou feliz e agradeço por tudo que deus me deu.

Eu quero presentear a minha linda donzela, não é prata nem é ouro, é uma coisa bem singela.

A vida foi em frente, e você não viu que ficou para trás.

Há sempre uma mulher à sua espera.

Com os olhos cheios de carinho.

E as mãos cheias de perdão.

Ponha um pouco de amor na sua vida.

Como no seu samba.

Tenho um fusca e um violão.

Se não é como amar uma mulher só linda.

Quem samba na beira do mar, é sereia.

Na areia, nosso amor.  
 No rádio, nosso som.  
 Como é bom, como é bom.  
 Paz, amor e esperança.  
 Como é bom, como é bom.  
 Bom é ser feliz com Molejão.  
 É assim como a luz no coração.  
 Sacudindo a torcida aos 33 minutos do segundo tempo.  
 Depois de fazer uma jogada celestial em gol.  
 Canta, canta, minha gente.  
 Deixa a tristeza pra lá.  
 Canta forte, canta alto.  
 Que a vida vai melhorar.  
 Te desejo, te quero e te amo.  
 E assumo que é pra valer.  
 Quero a paz em meu interior.  
 Tenho amor para lhe oferecer.  
 Fiquei esperando.  
 Pra te ver sorrindo.  
 Pra te ver cantando.  
 Quando a gente ama.  
 Não pensa em dinheiro.  
 Só se quer amar, se quer amar, se quer amar.  
 De jeito maneira.  
 Não quero dinheiro.  
 Quero amor sincero.  
 Isto é que eu espero.

Grito ao mundo inteiro.  
Não quero dinheiro.  
Eu só quero amar.  
Lá vem o negão.  
Cheio de paixão.  
Te catá, te catá, te catá.  
Querendo ganhar todas menininhas.  
Nem coroa ele perdoa, não.  
Fungou no cangote.  
Da linda morena.  
Te catá, te catá, te catá.  
Loirinha com a fungada do negão.  
É um problema.  
Loirinha com a fungada do negão.  
É um problema.  
Mas se é compromissada.  
É melhor não vacilar.  
Basta um sorriso no olhar.  
Para o negão te catar.  
No meu céu a estrela-guia.  
Se perdeu.  
A madrugada fria só me traz melancolia.  
Sonho meu.  
Você jogou fora o amor que eu te dei.  
O sonho que sonhei isso não se faz.  
Desilusão, desilusão.  
Danço eu, dança você.

Na dança da solidão.  
O meu jeito de ser era você.  
Não era te amar, não era sofrer. ●

**Matheus Vieira**

## **Em busca de um bem maior**

Ele.

Já tinha seus gados.

Já tinha cerveja.

E mais cervejas.

Já tinha boiadeiras.

Já tinha espingarda.

Já pronto para caçar.

Já tinha experiência.

Caminhava e parava, caminhava e parava, caminhava e parava, caminhava e parava sem conseguir ver o chão, apenas no silêncio da noite com os grilos. Com as rugas no gatilho pensava e pensava, estando com a roupa e o cabelo suados ao longo da longa caminhada, apenas com suas botas no pé, pisando sobre o mato com a cerveja na mão.

**ADENTROU NA FLORESTA.**

A floresta era densa, com árvores antigas, cujos galhos se entrelaçavam, bloqueando a luz do sol. O ar era pesado e ele podia sentir a

presença de algo estranho além das plantas e animais comuns. Passos cuidadosos ecoavam pelo chão coberto de folhas, e cada som parecia amplificado pelo silêncio ensurdecedor.

À medida que andava, ele começou a notar que a vegetação parecia se mover levemente ao seu redor, como se a floresta estivesse viva, observando cada passo seu. Galhos secos se quebravam sob seus pés, e vultos pareciam passar rapidamente entre as árvores. Ele não hesitou, pois a falta de água em sua fazenda falava mais alto.

Finalmente, após longo tempo de caminhada, ele avistou um pequeno clarão adiante. O poço estava ali, cercado por flores exóticas e brilhando sob uma luz suave que parecia refletir das próprias pedras ao redor. Mas, ao se aproximar, ele começou a ouvir um ruído baixo e constante, como se algo ou alguém estivesse sussurrando em uma língua desconhecida ou antiga. O homem sentiu um arrepio percorrendo seu corpo, mas sabia que não podia recuar. Precisava da água daquele poço para salvar tudo que amava.

Com o cantil em mãos, ele se aproximou do poço, mas, ao tocá-lo, sentiu o chão tremer, raízes emergiam do solo, e os galhos das árvores fechavam ao seu redor. O pânico o invadiu, mas não recuou.

Com um grito desesperado, o homem golpeou as raízes com a cerveja que tinha em mãos, libertando-se aos poucos. A floresta viva tentava impedi-lo de pegar a água. Num último esforço, ele mergulhou o cantil no poço. O líquido brilhou intensamente, e as raízes, como se derrotadas, começaram a recuar.

Com o cantil cheio, a cerveja na mão e o corpo exausto, ele escapou da floresta, carregando consigo a esperança de salvar sua fazenda. A batalha foi dura, mas ele havia vencido. ●



# Gabriel Giglio

## [sem título]

Que sorriso no espelho... Droga, não tirou a máscara. ●

## Marina Jensen

### Ética médica

Wilson Brandt, um neurocirurgião de 40 anos, estava à beira de um feito revolucionário e perturbador. Seu consultório estava repleto de modelos cerebrais e diagramas complexos, mas sua verdadeira paixão era uma ideia que ele nunca compartilhara completamente. Wilson passava horas estudando as intrincadas conexões do cérebro, alimentado pela obsessão de entender como a mente funcionava, não apenas em teoria, mas na prática. Seu desejo era mais sombrio e audacioso do que qualquer outro na neurociência: ele sonhava em abrir cérebros, observar seus mecanismos internos e devolvê-los às cabeças, como se nada tivesse acontecido.

Durante anos, Wilson trabalhava silenciosamente em sua pesquisa, desenvolvendo técnicas para realizar o procedimento de maneira que não deixasse marcas nem traços. Seus assistentes, dra. Carla e dr. Rafael, eram sempre informados de maneira vaga sobre suas práticas. Carla, uma neuropsicóloga com uma visão pragmática, e Rafael, um jovem e ambicioso cirurgião, notavam a crescente estranheza no comportamento de Wilson, mas eram incapazes de decifrar seu verdadeiro propósito.

Com o avanço de sua pesquisa, Wilson começou a realizar experimentos com cadáveres, meticulosamente documentando cada etapa. “Quero entender a essência da consciência”, repetia para si mesmo e para seus assistentes. As sessões eram complexas, exigiam precisão cirúrgica e uma capacidade quase sobrenatural de reconstituir a matéria cerebral sem deixar vestígios.

Um dia, Wilson encontrou um paciente que se ofereceu como voluntário para uma cirurgia experimental, atraído pela promessa de um tratamento inovador para distúrbios neurológicos. Wilson viu isso como uma oportunidade de finalmente realizar seu sonho.

Com a permissão do paciente, ele preparou o procedimento com meticulosa atenção aos detalhes. “Entender a mente”, ele dizia, “é o primeiro passo para aprimorar a consciência humana.

A cirurgia foi um sucesso técnico, mas Wilson sentiu uma inquietação crescente à medida que o paciente despertava, aparentemente sem alterações. Wilson não conseguia se livrar da sensação de que algo estava profundamente errado, uma sensação que crescia à medida que o tempo passava e a própria prática se tornava uma rotina sombria.

Numa noite de insônia, Wilson examinou novamente as imagens do cérebro do paciente e percebeu algo aterrador: não apenas as conexões internas haviam sido alteradas, mas a mente do paciente havia começado a revelar distorções e comportamentos inexplicáveis. Os sonhos e pensamentos do paciente começavam a fragmentar-se em padrões caóticos, como se o próprio cérebro estivesse se desintegrando em uma realidade alternativa. Wilson tentou reverter a situação, mas a complexidade das alterações feitas tornou impossível restaurar a normalidade. O paciente começou a manifestar uma personalidade completamente diferente, uma realidade que parecia mais uma falha do que um resultado.

Wilson foi afastado do seu trabalho, e o paciente, agora completamente alterado, foi internado para um tratamento especializado. O consultório de Wilson foi fechado, e seus registros, destruídos. Ele se tornou

uma figura evitada na comunidade médica, uma lenda sombria sobre os limites da curiosidade e da ética. Embora ele continuasse sua busca, ninguém mais conhecia sua verdadeira natureza, e o sonho de entender o cérebro através de manipulações proibidas tornou-se um eco distante, uma lembrança do perigo de se atrever a mexer com o que não se deve. ●

# Pedro Gonçalves

## [sem título]

A porta estava aberta, arrombada. Tudo escuro, bagunçado. Feliz aniversário! ●

## Ana Ladeia Tavares

# Chocolate

Foi um dia exaustivo para todos em casa. Voltando do trabalho, encontrei meu marido reorganizando sua coleção de livros, coisa que ele só fazia após dias ruins ou extremamente cansativos, e meu filho estava deitado, recluso em sua cama.

Meu dia também havia sido puxado, estava acordada desde as oito da manhã do dia anterior, obviamente por razões de trabalho. Minha cabeça mal funcionava, precisava comer, de preferência um doce, algo que iria me deixar feliz. Decidi então me mimar um pouco, fui à geladeira pegar o resto do chocolate que havia me sobrado ainda da Páscoa, era apenas a cabeça de um coelho de chocolate ao leite, pois o corpo já havia sido comido. Estive me segurando por esses cinco dias para não comer o animalzinho por inteiro.

Quando dei a primeira mordida no chocolate, olhei para o lado. Lá estava meu filho, antes deitado recluso em sua cama. Agora ele estava lá, olhando para mim com um olhar tristonho, pedindo um pedaço do delicioso coelho. De início, apenas ignorei. Queria muito aquele chocolate, e meu menino era pequeno demais para comer tanto doce. Porém,

pensei sobre como o dia dele talvez pudesse estar sendo difícil, vi sua carinha triste, repleta de remela no olho, e o nariz escorrendo, aquilo me consumiu. Tornar meu filho feliz tinha muito mais valor do que um resto de cabeça de chocolate de um pobre coelho, então deixei meu egoísmo de lado.

Foi esse o meu erro. Sem pensar duas vezes, dei tudo o que sobrou do doce para ele. Meu filho rapidamente colocou tudo na boca e comeu a cabeça do pobre coelho em um piscar de olhos. Minha cabeça não estava funcionando muito bem, então, acho que foi esse o motivo por qual não escutei os barulhos que meu filho fazia buscando pela minha ajuda. Meu marido tirou a cara dos livros que organizava e veio correndo para a sala; ele sim havia escutado os gemidos do nosso menino. Ao chegar no cômodo, se deparou com nosso filho deitado no chão, vomitando, ou pelo menos tentando vomitar.

Fomos correndo ao veterinário, mas chegando lá era tarde demais. Me culpo até hoje que meu filho, meu cachorro, meu companheiro, parte da nossa família, não tenha resistido ao chocolate que lhe dei. ●

## Caio Gasparini

### Coração de gelo

Toni, um jovem soldado alemão de vinte anos, estava sentado dentro de uma trincheira, em plena Segunda Guerra Mundial. Sua aparência refletia o cansaço da guerra: olhos cansados, pele pálida e suja, além de um corte de cabelo militar. Vinha de uma família simples, de um pequeno vilarejo no interior da Baviera. Lá lhe fora ensinado como caçar e amar a floresta que cercava sua casa. Seu pai era um homem de poucas palavras. Muito introvertido, Toni preferia a solidão da natureza à companhia dos outros, no entanto, a guerra fez com que ele convivesse com o medo e com a morte. O que Toni mais queria era sobreviver e retornar para casa, mas quanto mais os dias passavam, mais um pressentimento sombrio lhe tomava, como se a morte estivesse cada vez mais próxima.

Nas semanas seguintes, Toni viu a violência da guerra se agravar ao seu redor. O inverno intenso ficava cada vez mais aparente. A neve cobria tudo, dificultando o fornecimento de suprimentos. Seus companheiros estavam tão abatidos quanto ele, com olhares vazios que refletiam a desesperança. O capitão Hummels era o único que parecia ter algum ânimo. Hummels acreditava na vitória e na glória do Reich. Toni,



já esgotado fisicamente e mentalmente, sabia que o pior ainda estava por vir.

Um dia, Hummels ordenou um ataque atrás das linhas adversárias para conseguir certas informações. Toni foi selecionado para orientar mais dois soldados junto ao capitão. Entre eles estava Karl, um soldado veterano, e Otto, um jovem recruta de apenas 18 anos. A missão era arriscada, mas Toni sabia que não podia recusar.

Quando a noite chegou, os quatro homens saíram em direção ao território inimigo. A neve caía silenciosamente. O frio intenso começava a se tornar um problema, e a escuridão se tornava mais ameaçadora a cada minuto. Toni sentia o peso da responsabilidade, a vida dos outros três homens dependiam de suas decisões.

Finalmente, avistaram um acampamento soviético. Toni sinalizou para que parassem. Eles se esconderam atrás de uma rocha e observaram o movimento dos soviéticos. Toni sabia que precisavam ser rápidos, mas algo não estava certo. Ele podia sentir que estavam sendo observados, mas quando deu a ordem para recuar, já era tarde demais.

De repente, foram ouvidos barulhos de tiros em meio à escuridão. Uma emboscada. Os soviéticos haviam descoberto sua presença e começaram a atirar. Toni viu Karl cair instantaneamente, atingido na cabeça. Otto começou a correr em pânico, mas logo foi também abatido. Toni e Hummels tentaram se esconder, vinham disparos de todas as direções. Toni sentiu uma dor no peito e caiu. Sua visão escureceu enquanto ouvia gritos de Hummels em prantos.

Toni estava deitado na neve, o frio estava lentamente consumindo seu corpo. Seus pensamentos voltaram uma última vez à sua casa na Baviera, às florestas onde costumava caçar, e ele fechou os olhos. ●

## Joaquim Filinto

# Ninguém se importa

Era uma vila pequena, os homens eram altos e fortes, mas eu não tinha nenhuma das características que eram desejadas, diziam que eu era anormal em relação às características do local. Minha família era de baixa renda e, por isso, quando nasci, os meus pais depositaram todas as fichas em mim para que eu virasse um homem de guerra. Eu não gostava de ir estudar e acabava ficando jogando bola o dia inteiro na rua de casa. Com o decorrer do tempo, fui percebendo que os meus pais tentavam me vender em troca de uma quantia razoavelmente baixa para a época.

Eu já estava com os meus 20 anos, idade na qual os homens da vila estavam no auge de sua forma física.

Comecei a escutar frases de alguns líderes que me doeram muito na época. Eles diziam frases como “Gabriel tem que morrer pelo bem da vila”. Isso me magoou muito e me fez querer mudar. Eu queria mostrar para todos da vila que as pessoas podiam seguir outros rumos na vida além do exército.

A cada dia que passava, eu ia percebendo cada vez mais o quanto eu realmente não pertencia a essa vila.

Quando fiz meus 25 anos, fui obrigado a entrar no exército. Tinha uma regra muito clara de que, quem se recusasse a virar um homem de guerra, seria torturado até a morte. Com isso, eu finalmente entrei em treinamento para ser um dos homens de guerra. Após alguns anos, fui me adaptando ao ambiente e conseqüentemente fui mudando a minha personalidade. Virei um homem mais dedicado, porém agressivo. Um homem forte, porém triste. O meu esforço finalmente estava valendo a pena, as pessoas que antes me julgavam agora me olhavam de um jeito diferente, eu comecei a ser admirado por todos, pela primeira vez tive a sensação de ser amado pelo meu próprio povo.

Após várias guerras e batalhas sangrentas, pensei que já estava apto a desafiar o líder Bartolomeu, mais conhecido como “O Destruidor de Sonhos”. Eu estava no meu auge físico, enquanto Bartolomeu já estava envelhecendo. Era a hora perfeita para me tornar um novo líder.

Eu ficava repetindo em minha cabeça, “o menino que sempre foi tratado como anormal virando o líder de uma vila”.

A luta foi marcada. A cada dia que passava eu me tornava mais forte, rápido e inteligente.

Finalmente, chegou o grande dia: o menino desacreditado podia virar rei, sua família finalmente poderia viver em melhores condições.

A batalha começou. Bartolomeu usava toda a sua experiência contra um jovem aprendiz que era muito mais rápido que ele. Após quase doze horas, a batalha finalmente teve um fim. O menino desacreditado havia virado Rei.

Todos aplaudiram ao final da luta, havia sido uma das mais duradouras do século.

Me perguntavam o que eu iria fazer pela vila, e minhas primeiras palavras foram que não iria haver mais guerras. Todos estranharam, ar-

regalaram os olhos e começaram a debater entre si o que tinham acabado de escutar.

Após um tempo, comecei a fazer as pazes com líderes de outras vilas e, com isso, começamos a juntos nos fortalecermos. Criei várias quadras de diversos esportes, incentivei a educação e, com isso, a vila começou a se unir cada vez mais. Todos amavam o seu novo líder. ●

**Maya Losic**

## **A menina que vivia sonhando**

Desde que me conheço por gente, nunca vivi uma vida comum. Nunca tive um sonho comum e nunca acordei em um mundo comum — comum para os outros, pois, para mim, aquilo já era comum. Meu pai tentou me levar a diversos médicos, psicólogos e psiquiatras. Já minha mãe ia em busca de respostas em todos os centros religiosos, templos e anciãos, mas nada mudava. Meus irmãos, Thomas e Júlia, também não entendiam o que acontecia comigo, mas eles tentavam me entender.

Minha irmã se sentava do meu lado e me ouvia por horas e, enquanto eu lhe contava, ela desenhava o que ouvia. Como desenhava bem, ela conseguia expressar tudo que eu sentia e que não conseguia colocar no papel. Já meu irmão me dava todo o afeto que eu precisava, todo o carinho, abraços e tempo de qualidade. Meus pais passavam muito tempo tentando me entender e procurando alguém que me entendesse, mas Thomas e Júlia eram tudo que eu precisava. Eles me davam amor, e isso, para mim, já bastava — ter meus irmãos ao meu lado. Eu era muito feliz sendo a filha do meio.

Me chamo Pilar, e o que vou contar agora vai parecer loucura, mas é apenas o meu cotidiano. EU VIVO NO SONHO, sim, isso mesmo que você leu, eu vivo nos sonhos. Toda noite quando todos vão dormir, eu me deito e entro no mundo dos sonhos. Eu vivo aquilo, entro nos sonhos de todos e vivo, cada noite é um sonho diferente, de uma pessoa diferente, pode ser um sonho bom ou até mesmo um pesadelo, mas eu estou sempre inteiramente viva, lúcida. As pessoas, quando acordam no dia seguinte, nem sempre se lembram do sonho, mas sempre se lembram de mim. Já vivi o sonho de dezenas de milhares de pessoas. Ontem mesmo eu estava em um sonho de uma mulher que vive do outro lado do mundo, foi um sonho até que bem engraçado, nele nós voávamos e o céu estava lindo. Acho que meus sonhos preferidos são aqueles em que posso voar. Como é bom voar! Queria que todos pudessem sentir o que eu sinto, é mágico. Esqueci de mencionar que em cada noite eu fico no sonho apenas de uma pessoa, mesmo que ela mude de sonho várias vezes ou que não sonhe nada (esses são os piores sonhos, fica tudo escuro, e eu fico sozinha até a pessoa acordar) e em cada sonho sou uma personagem diferente. Posso ser a mãe, a irmã, o vizinho, até a cachorra, mas sempre sou A Pilar.

Essa vida com certeza não é entediante, mas é muito monótona e muito sozinha. Eu nunca vou poder sonhar e ter um sonho só meu, eu vivo o dos outros e para os outros há anos. Durante semanas eu fiquei em busca de respostas e não achei. Há uns 10 anos, em um dia como qualquer outro, eu resolvi dar uma cochilada no meio da tarde, estava muito entediada, queria ver o que o mundo dos sonhos me proporcionaria, como estava de tarde onde eu morava, do outro lado do mundo haveria pessoas dormindo. Quando entrei em um sonho, vi que era de uma criança que estava ansiosa para o acampamento, o acampamento era lindo e muito divertido, quando olhei para uma monitora, linda com o cabelo preso. Fui falar com ela já que era um sonho e ela não era de verdade. Só que, quando me aproximei e comecei a puxar assunto, percebi que ela era igual a mim, uma sonhadora. Tentei conversar com

ela, perguntar coisas para as quais eu não tinha resposta sobre mim e sobre os sonhos. Quando ela ia me responder, a criança acordou e eu nunca mais vi a menina, eu só sabia que seu nome era Lara. Depois desse dia, passei todo meu tempo livre em busca dela pelas redes sociais, falei com todas as Laras que existiam nas redes, mas nenhuma era ela. Até que semanas depois, na hora de todos dormirem, entrei no sonho de um homem que estava sonhando que estava sendo assaltado em um banco. Eu era a moça do caixa e quando olhei para os assaltantes, vi uma mulher. Eu me aproximei e vi que era Lara, logo a puxei para um canto e a obriguei a me passar seu número para, quando acordássemos, conversarmos.

Dito e feito, assim que acordei, peguei meu celular e mandei mensagem para ela. Ficamos horas conversando, ela me disse que já sabia como funcionava isso de viver no sonho, que era impossível parar, mas dava para controlar, ela até me ensinou a controlar. Ela também disse onde morava e descobrimos que morávamos bem perto uma da outra, até marcamos de nos encontrar. Eu e ela nos demos muito bem, e, desde esse dia, eu e sua mãe não nos desgrudamos mais, eu me apaixonei quando a vi no primeiro sonho, viramos parceiras de vida e de sonho. Toda noite, enquanto todos dormem, nós vamos para o mesmo sonho, viver juntas, e, quando acordamos, estamos juntas. Eu não poderia pedir por uma vida melhor do que essa. ●

**Eduardo Gorski**

## **Monstros SA no Himalaia**

Era uma vez dois amigos, Betti e o homem das neves. Betti era criança, tinha 12 anos. O homem das neves era adulto e tinha barba e bigode. Um dia, eles foram viajar para o Himalaia para escalar uma montanha. Eles levaram esqui e uma corda, porque lá tinha neve.

Betti e o homem das neves pararam para comer amendoim, quando uma tempestade de neve começou.

Eles viram uma casa e correram até a casa. Eles bateram na porta, e Make e Sully atenderam. Eram monstros, mas eram amigos. Betti e o homem das neves tomaram um susto, mas Make e Sully deixaram eles entrarem. Eles viraram amigos e deram uma festa juntos. ●



## Henrique Becker

### Ganância do homem

Era uma vez, numa pequena vila escondida entre as montanhas, um jovem chamado Arthur. Ele era conhecido por sua curiosidade insaciável, por sua habilidade em resolver enigmas que ninguém mais conseguia desvendar e por sua grande coragem. Arthur morava com sua avó, dona Marcia, que sempre lhe contava histórias de um tesouro, escondido há muitos anos, que nunca ninguém conseguira pegar. Arthur, com apenas 17 anos, seria capaz de tomar coragem, ir procurar o tesouro e pegá-lo para si. Ele queria muito esse tesouro, pois Arthur desejava parar de viver uma vida sofrida, humilhante e sem dinheiro.

Muitas pessoas já tentaram conseguir o tesouro, porém acabaram mortas devido ao fato de existir um grande dragão, todo avermelhado, enorme, que cospe fogo e está vivo há mais de 100 anos. Nunca alguém conseguiu derrotá-lo.

Arthur tinha um amigo que gosta de aventuras e de desvendar mistérios. Seu nome era Alisson, um menino alto, de cabelo preto, olhos castanhos. Arthur o chamou para partir em uma jornada para pegar o tesouro. Por conta de ser um cara muito ambicioso e corajoso, Alisson topou partir nesta aventura.

Logo pela manhã de um dia frio, os dois pegaram espadas, arco e flechas, montaram em seus cavalos e partiram em direção às montanhas, onde o tesouro estava escondido junto ao dragão avermelhado. Após longos cinco dias, chegaram à tão esperada montanha. Ao chegarem, se espantaram, pois ela era assombrada e fria, mais aterrorizante do que imaginavam. A névoa densa e o silêncio profundo fizeram seus corações baterem rápido. Alisson, sempre sorridente e cheio de entusiasmo, estava estranhamente quieto.

“Vamos achar logo esse tesouro”, disse Arthur, tentando disfarçar o medo. Eles seguiram em frente, espadas em punho, até chegarem a uma caverna gigantesca, onde puderam sentir o calor do dragão adormecido. Quando chegaram perto da entrada, Alisson parou. “Arthur, você realmente acha que merece esse tesouro?”, ele perguntou, com um tom frio e distante.

Arthur ficou confuso. “Claro, nós dois lutamos para chegar até aqui, não foi?”

Alisson lhe encarou, olhos duros como pedra. “Não, eu lutei para chegar até aqui. E só um de nós sairá com esse tesouro.” Antes que Arthur pudesse reagir, Alisson sacou sua espada e avançou contra ele, olhos cheios de ganância. A traição o pegou de surpresa, mas Arthur, guiado por seus instintos afiados, desviou-se por um triz.

A luta foi rápida e brutal. Alisson atacou sem hesitar, mas sua ambição o cegara. Com um movimento rápido, Arthur o desarmou e, num golpe inesperado, atravessou o peito do amigo. O sangue tingiu o chão frio, e Alisson caiu com um olhar de surpresa e arrependimento.

Arthur, ofegante, olhou para o corpo do amigo. “Ganância sempre destrói”, murmurou.

Com o coração pesado, ele vira as costas para o tesouro e parte, sabendo que certas riquezas não valem o preço da traição. ●

## Maria Clara Maia

### Após a enxurrada

Eu caminhava lentamente pela estrada. A lama afundava meus pés, o céu cinzento de ventos agitados levantava a poeira que preenchia toda a cidade. A serra já não era mais a mesma, o que era verde se tornou marrom, o mar limpo foi invadido pela erosão dos morros, tudo estava acabado.

Eu perdi tudo, meu carro, minha carteira, minha televisão que tanto gostava, minhas roupas, meu lar. No dia, saí só com uma bermuda, meus documentos e minha família. Perdi tudo, mas não morri eletrocutado ou afogado; o material se recupera.

Já perdi a noção de quantos dias se passaram em que estava vivendo nesse caos. Por mais que eu tente me esquecer e seguir em frente, as cenas do terror daquele dia me perseguem. Eu estou perdido, tentando aceitar o que aconteceu, mas não consigo esquecer o momento em que perdi tudo que demorei uma vida para construir.

Minha casa, meu refúgio, agora não passa de um amontoado de tijolos cheios de destroços. Em algum lugar ali estava tudo que eu e minha

esposa havíamos conquistado e construído ao longo de 30 anos... 30 anos que se foram em 20 minutos.

Não sou uma pessoa rica, longe disso, mas tenho esperança e fé de que sempre qualquer pessoa consegue viver em conforto se for esforçada e trabalhar muito. Dinheiro não nasce em árvore, precisa ser conquistado. Por isso, desde muito tempo, eu trabalho pelos meus bens e, nesse mesmo ano, havia terminado de pagar minha casa. Parece que foi tudo em vão.

Olhando a minha cidade destruída, só consigo lembrar de minha esposa, meus dois filhos e meu cachorro, que agora está desaparecido, pois não consegui tirar ele a tempo. As boas memórias só fazem meus olhos encherem cada vez mais de lágrimas. Sinto falta do Toby. Ele foi o melhor cachorro que poderia ter perdido, mas vou procurá-lo dia e noite; sempre terei esperanças de achar meu melhor amigo.

Tentei sair um pouco para tentar encontrar algo familiar em minha “casa”, mas tudo até agora parece igual: sujo, alaranjado e desolado. Fui até a única árvore que conseguiu se manter presa no chão, a árvore onde ficava o balanço dos meus meninos, que antes era uma árvore grande, e agora está mutilada, com suas raízes expostas. O som das risadas do meu filho caçula soava em minha cabeça, era como um sonho, porém, só de abrir os olhos, via a ruína em minha frente. Os vizinhos, os amigos, todos pareciam ter desaparecido.

Não aguentei mais a vista solitária e achei melhor voltar para o abrigo, onde estavam minha esposa e meus filhos. Era em um lugar mais simples e sem conforto, mas pelo menos protegia as 40 famílias presentes no dia da chuva e vento que até hoje nos atormenta. Só conseguia pensar em como as coisas acabam tão rápido. Um dia você está cheio de sonhos e esperanças para um futuro melhor e, no outro, tudo se encontra soterrado pela terra. Todo o esforço foi em vão? ●

## Augusto Ferrari Pompeu de Toledo

### A prisão do ser

Eu acordo tonto, vesgo e fedido, mas principalmente sem memória. Não sei quem sou, onde estou, minha idade ou como fui parar lá. Estou em um apartamento luxuoso e alto, bem alto, super limpo, espaçoso e arrumado. Me dirijo a uma espécie de antessala que liga todos os quartos em um corredor. Ali no fim eu vejo um banheiro, eu preciso usá-lo. Entrando no banheiro, vejo que segue os padrões do apartamento, limpo, espaçoso e luxuoso. Depois de terminar, com uma dificuldade motora terrível, me olho no espelho, percebo que estou bem inchado e machucado, alguns roxos e cortes. Eu tenho uma aparência de bem-cuidado, olhos e cabelos castanhos. A barba, mesmo grande, está aparada e o cabelo com um bom corte, aparentava ser um homem de meia-idade.

Saindo do banheiro vou para o corredor de quartos para descobrir onde estava, principalmente descobrir se tinha como sair. Todas as portas trancadas indicavam que alguém me mantinha ali dentro, provavelmente contra minha vontade. Seguindo meu reconhecimento me deparo com fotos de família, não faço a menor ideia de quem sejam.

Chegando na cozinha, vejo todos os tipos de utensílios, esses pareciam ter uma ótima qualidade, a geladeira também estava cheia de comida, como pão e alguns frios. Agora sem fome vejo uma faca muito bem desenhada e afiada, acho melhor botá-la no meu quarto como precaução, isso caso quem me machucou volte.

Tudo naquela casa gritava riqueza, então, suponho que seja a minha casa, mas sem nem me reconhecer nas fotos acho difícil, mesmo assim duvido que quem me mantém aqui abriu as portas de sua casa para servir como um cárcere. Depois de algum tempo olhando a casa, escuto a porta abrir e me escondo ao ver a porta bater:

“Você me encheu o saco ontem!”, ele gritou quando pôs as compras na mesa, “Então, se quiser comer, faça!”, continuou gritando ao sair do apartamento. A voz máscula dele tinha saído, por isso vou olhar as compras e vejo muitas coisas, vegetais, massas, carnes, arroz e todo tipo de comida que se compra para o mês.

E agora já com fome novamente preparo um bife e massa. A comida fica ruim, não sabia nenhuma receita, e tinha poucos temperos, então, lido com isso como uma forma de nutrição e não uma refeição. Terminando, lavo e seco tudo, afinal não sei o que fazer e, ao sair da cozinha, vejo no relógio da sala que já são 19:30. Mesmo não sendo tarde, já me dirijo à cama, estava bem cansado.

Os dias seguintes não foram nada diferentes, acordava durante o período da tarde, me lavava, comia e ia dormir por volta das 22:30h, sem nenhum contato com o mundo exterior. Não importava o quanto que eu gritasse, nunca vieram me acudir, durante esse tempo, mesmo sem ver propriamente meu carcereiro, eu tive altos e baixos com ele, tendo vezes que nem me deixava sair do meu quarto na maior parte do dia e tirava a comida, ou me tratava bem e trazia doces e entretenimento como livros, revistas e gibis. Era sempre uma dificuldade saber como ele iria me tratar, então, durante esse tempo começava a esquecer de novo coisas como quando cheguei ou se já havia me encontrado com meu carcereiro.

Certo dia, chega uma carta endereçada a Carlos Altino. Não faço ideia de quem seja, mesmo assim abro, a carta era uma proposição de uma clínica sobre uma sondagem prévia. Foi assim durante um tempo, diversas cartas e uma de cada lugar, desde o interior da Bahia até o Morumbi, bairro de São Paulo, todas para o Sr. Carlos, mas algumas ainda continham o nome de Miguel. Eu as ia guardando, uma por uma, no fim provavelmente tinha uma dúzia e meia de cartas. Quem quer que tenha feito as sondagens, fez um trabalho impecável.

Um certo dia, meu cuidador já estava tão cansado de procurar pelas cartas que blasfemava, ele se descuidou e deixou a porta entreaberta. Quando percebi ainda hesitei, mas no final, minha liberdade era mais importante e me deparo correndo as escadas. Quando meu cuidador percebe o acontecido, eu o escuto gritar, estava longe e não consegui entender exatamente o que era dito. Ao chegar na portaria sou barrado, as vigas de ferro horizontais haviam me impedido a fuga, logo atrás chega meu cuidador, esse que só tinha visto de relance ou de longe me parecia mais nítido que nunca. Como uma pequena criança, ele me pega pelo braço e me escolta de volta ao apartamento visivelmente triste e amuado, entramos novamente no belo apartamento, ele me solta com um pequeno empurrão no braço, voltando à cozinha e chorando.

Agora provavelmente depois de uma semana ou coisa assim, afinal, eu não tinha como saber exatamente os dias percorridos, meu cuidador encontra as cartas.

“VOCÊ SABIA DESSAS CARTAS!?!?”, aos berros perguntava.

Eu meio encabulado com a situação dizia que sim, eu havia recebido todas uma por uma. Com uma feição cansada e olhos vermelhos, assim como o seu nariz, começa a chorar mais uma vez.

Olhando assim sem ódio ou mágoa ele não me parecia estranho, seus olhos castanhos e cabelo curto me lembravam de alguém, sua feição era familiar, mas não conseguia me recordar de onde. Enquanto meu cuidador se recompunha, comecei a examinar como se fosse a primeira vez o apartamento. Tudo me fazia ter sentimentos, não tenho

certeza de quais ou o porquê deles. Volto a olhar os retratos, meus pais, minha mulher, minha irmã, meu filho e... meu irmão.

Volto ao quarto onde ele estava, quando tentava se recompor fui e o abracei, no fim das contas me desculpei. Choramos juntos, nos desculpamos juntos e ficamos lá no eterno abraço que não queria terminar. Foi uma boa noite de sono.

Eu acordei tonto, vesgo e fedido, mas principalmente sem memória. Não sabia quem era, onde estava, minha idade ou como fui parar lá. Alguém entra no meu quarto, não o vi direito nem reconheci, mas sabia que ele havia se aborrecido. ●



## Francisco Viola

### Pacotes

Finalmente, o sinal toca. Sexta-feira, alunos saem correndo da sala de aula localizada em um bairro nobre de São Paulo. Guilherme vai para casa. Não tinha planos para a noite, fazer amizades nunca fora o seu forte, mesmo estudando há 10 anos no mesmo lugar. Havia tido uma semana longa, quatro provas para fechar o período. Não estava preocupado, já que nunca tinha tirado uma nota vermelha e não seria a primeira vez. Seus pais pouco se importavam, trabalhavam o dia todo e quase não conversavam com Guilherme.

Seu celular apitou, achou estranho, seu celular nunca recebia mensagens. Era Antônio, o menino mais sinistro da escola, usava droga, bebia e fumava. O que ele queria?

— E aí, Guizão, suave?

— Opa, tudo bem?

— Preciso da sua ajuda, amigo, você é a única pessoa que pode me ajudar.

— Precisa de ajuda para estudar?

— É isso não, passei em todas. Minha mãe me deixou de castigo esses dias e preciso buscar uma encomenda na praça que fica na frente do posto. Sabe?

— Aham, sei.

Se passou mais um grande tempo de conversa sobre essa tal encomenda. Foi dito por Antônio que ele daria uma recompensa a Guilherme, e seria uma das boas. Quinhentos reais só para buscar e entregá-la para ele. Quinhentos reais, exatamente o que faltava para comprar o videogame que ele tanto queria.

— Fechado, eu busco e te entrego.

Antônio passou o endereço, disse que era uma van preta e que um rapaz mais velho iria entregar.

No dia seguinte, outra mensagem de Antônio chegou:

— Chega lá na praça às 19 horas, ok? A van vai te esperar lá.

Essa história estava meio estranha, mas eram 500 reais, ia valer a pena. Finalmente a hora chegou, o tempo passava muito devagar por conta de sua animação para receber o dinheiro.

— Antônio, cheguei aqui e não tem nenhuma van.

Era uma praça escura, fria, só tinha o menino naquela hora. Finalmente uma van de cor escura com um dos faróis quebrados chegou, abaixou a janela e um velho o chamou:

— Guilherme?

— Eu mesmo, como sabe meu nome?

— Tenho meus contatos. Abra o porta-malas e pegue o pacote.

Dentro da van, só o pacote de Antônio estava lá, era pesado e tinha uma fita escrita “frágil” nele. No final da noite, Guilherme levou o pacote até a casa de Antônio e finalmente recebeu o dinheiro prometido. Na semana seguinte, mais um chamado para Guilherme, era o mesmo menino pedindo mais um pacote, mas, desta vez, a recompensa era maior.

A curiosidade era grande, mas havia topado de novo, afinal ele receberia o dobro de dinheiro.

Segunda semana, mesma coisa, pegou o pacote, dessa vez um pouco mais pesado que o anterior, entregou-o na casa do castigado. Já na quarta semana, a recompensa era ainda maior, mas, junto com o dinheiro, o que crescia era a sua curiosidade. Na noite da quarta semana, Guilherme decidiu abrir o pacote e ver o que tinha dentro.

— CA\*\*\*O!

Havia uns 3 quilos de pura droga dentro do pacote.

— Fodeu! O que eu faço?

Neste mesmo momento, um carro da polícia parava para abastecer o carro no posto. Vermelho, Guilherme tentava fechar o pacote o mais rápido possível. Um jovem de casaco todo preto com uma caixa quase maior que ele no meio de uma praça escura chamou a atenção dos policiais, que gritaram perguntando o que havia dentro da caixa escura. Guilherme não pensou duas vezes, largou a caixa no mesmo lugar que pegou e saiu em disparada pelas ruas e becos escuros iluminados pela sirene do carro de polícia. Três minutos de puro desespero e correria foram necessários para a fuga do menino. Ele pouco ligava que a caixa estava no meio da praça e que provavelmente os policiais já sabiam o que havia dentro.

— Moleque, onde você está? Já são 23 horas.

— Perdi a caixa, Antônio.

— Como assim? Você fez o quê?

Não adiantou tentar explicar para Antônio, ele estava furioso, seus 3 quilos de drogas haviam sido apreendidos pela polícia e provavelmente ele seria preso em pouco tempo.

Chegou segunda-feira. Nervoso, Guilherme pensava que iria morrer, já que havia acontecido tal desastre com o pacote. O dia inteiro se passou e nada de Antônio. “Onde ele estava?”, pensava Guilherme, “Será

que foi preso?”. A sala toda, na terça-feira, já sabia. Antônio realmente havia sido preso, no pacote, pela primeira vez, o dono da van havia escrito seu nome.

Faz um ano desde esse acontecimento. Todos ficaram sabendo que Antônio era um supervendedor de drogas para alunos e, finalmente, graças à incompetência de Guilherme, ele havia sido preso e ficaria anos na prisão. ●

## Lucas Peccin

### Cachorro boleiro

E aí, pessoal? Me chamo Juca. Sou um cachorro diferenciado dos demais, pois tenho um talento jamais visto na minha espécie: gosto de jogar futebol, principalmente com meu dono Dudu. Às vezes, ele fica espantado com a minha habilidade, imagino que tenho um futuro com a bola na pata. Driblo, chuto, defendo, corro... Apenas preciso de uma oportunidade. Bom, pelo meu tamanho, não consigo ser goleiro, muito menos zagueiro e não tenho uma boa visão, enxergo de um jeito que não me ajuda. Então, sou atacante. Tenho um nariz bem grande, ele me ajuda a marcar gols, gosto dele.

Quero me tornar jogador profissional de futebol.

Treino, treino e treino... Todos os dias, porém no período da tarde. Acordar cedo, para mim, não dá. De manhã é meu momento de soneca com o Dudu. À tarde, depois de comer umas balinhas e tomar um guaraná trincando de gelado, aí, sim, podemos começar o treino.

Dudu é rígido comigo, o treino aqui é pesado. Ele sempre me diz “Aqui quem manda sou eu!”. Bom, bora treinar! Cinco voltas no campo no maior pique. Sinto o guaraná de mais cedo quase voltar. Quinze

faltas para cobrar de cada lado, para me tornar uma espécie de Rogério Ceni com quatro patas. Por fim, cinco chutes de média distância e mais oito narigadas.

Um dia acordei, mais um dia comum... ou não. É DIA DE JOGO! Aqui, na minha cidade, vai ter um jogo, porém não fui chamado, então, fui de penetra. Quando cheguei, acharam que eu estava passeando com Dudu em volta do campo. Perguntei se poderia jogar. Ouvi de um colega, espantado, que sou um cão que consegue falar, mas que mesmo assim não posso jogar, por motivos óbvios. Nesse momento, já queria dar uma mordida nele, só pra ele ficar ligado. Insisti e pedi novamente, dessa vez me aceitaram.

O juiz sem vergonha apitou! Começa o jogo! Primeiro lance da partida, uma disputa pelo alto, de cabeça. Subi, subi, subi e... ganhei a dividida, usei obviamente meu ponto forte, meu focinho. Joguei a bola para a lateral do campo. Começou pegando fogo! Para intimidar e desestabilizar os adversários, lati várias vezes. Realmente intimidou? Não sei, mas me diverti e quero fazer mais vezes.

O meia me deu um passe para correr, é só eu ganhar na corrida e fazer o gol. Ganhei na corrida e fiz o gol, porém acabei vomitando o guaraná que eu tomei uns dez minutos antes da partida começar. Uma nojeira! Mas quem se importa? Tá lá, golaço!

O público está em choque, sem acreditar. Deixei aquele zagueiro fraco, camisa 3, no chão. Ninguém me para.

Novamente outra chance de marcar. É pênalti para meu time. Todos se perguntando quem bate. Visivelmente, a maioria dos jogadores do meu time estavam com medo de cobrar. Então, eu mesmo pedi a bola e assumi a resposta e... Toma! Pega lá! No ângulo do mão de alface.

No fim do jogo, estava exausto. Só queria estar em Ipanema tomando uma água de coco bem gelada. A partida estava dois a zero para minha equipe, cuja cor do uniforme eu nem sei direito, pois enxergo diferente desses humanos ruins de bola. É escanteio, bola na área. Na-

rigada no gol! Mais um meu! Pulei muito alto, me senti competindo salto em altura nas olimpíadas. Três gols no jogo, me destaquei diante desses humanos pernas de pau, ensinei para esses zé-manés do futebol a arte de verdade!

Quando o jogo acabou, estava indo embora com Dudu para casa, ansioso para comer uma pizza para comemorar, até que fomos parados por dois velhinhos. Eles perguntaram meu nome e queriam me ter em um clube. Rapidamente respondi “Ju... Ju... Juca!”, estava muito feliz! Dei uns latidos que sem querer escaparam de mim espontaneamente. Perguntei aos senhores qual clube seria. Me disseram dois times, dois bons times. São Paulo e Palmeiras. Olhei para Dudu, nos encaramos por uns quatro segundos e tinha que fazer uma escolha. Com um olhar bem debochado, virei para os senhores e falei “Vou jogar na equipe que tem Mundial!”.

Nunca me senti tão realizado e feliz e empolgado e ansioso e nervoso e confuso. Fiz algo raro, vou jogar bola profissionalmente sendo um cão! Vambora! ●

## Juan Chiachiarini

# A missão impossível

Lá ele estava, à espreita, o Bartholomeu quase chegava.

Por lá, de cores escuras e manchadas estava.

Por lá, estava no entardecer.

Por lá, soltando água pela boca, como se estivesse com uma luz em seus olhos.

Por lá, nesta tarde, ele aguardava, ansioso e observador.

Por lá, ele aguardava até o brilho se ir e seu dono dormir.

Por lá, ao lado da TV, acima do sofá aguardava.

Por lá, admirava o plástico brilhando, protegendo o succulento e amarronzado petisco.

Por lá, sua favorita refeição.

Por lá, acima do pedestal, em sua beirada lhe aguardava.

Até que, então, um toque barulhento lhe desperta.

Ele estava quase dormindo.

Estava quase lá, mas ele se levanta.



Ele vai à cozinha.  
Prepara algo ao lado de seu objetivo.  
Mas aos poucos ele vai empurrando à beira.  
Quando está a dois dedos de alegrar seu dia, e vai ao quarto.  
Após isso, Bartholomeu se desespera.  
Um grande sonho se acaba.  
Ele reflete sobre o que poderia fazer.  
Já que ele não alcançava.  
Passam-se uns minutos.  
Cada vez mais angustiado.  
Ele percebe que há um jeito.  
Ele avista o banco ao lado do sofá.  
Com ele, é possível conquistar.  
Ele começa a bolar um plano.  
Ao saltar de seu local, vai ao lado do pedestal e de sua ajuda.  
Ele, com suas intenções e objetivos, se prepara.  
Ele vê que é como um elefante, uma baleia.  
Ele, com todas as suas forças, vai e coloca suas resistências com tudo no apoio.  
Com isso, ele consegue empurrar.  
Ele se acerca do pedestal e se afasta de seu sofá.  
Ele percebe que tem um grande desafio.  
Ele volta ao seu local.  
Depois de muitos pensamentos, ele vê que, além de chegar, é necessário se equilibrar.  
Sem medo, ele vai.  
Ele bate seu olhar no banco.

Ao despencar, ele pensa que fracassou.  
Quando ele vira, seus olhos voltam a ser como a luz.  
Ele observa rapidamente.  
Como um cometa.  
O petisco cai ao seu lado.  
Antes que seu dono perceba, ele ataca bruscamente.  
Ele consegue.  
Satisfaz-se e vai para junto do seu dono.  
Feliz, ele se acomoda ao lado e cansado, se apaga. ●

## Isabel Tavares

# Vingança

Lembro-me muito bem do dia em que tive a pior ideia que eu poderia ter. Acordei com minha mãe gritando “Theo! Você vai se atrasar para pegar o ônibus”. Liguei meu celular, eram 5h30 da manhã e ainda estava escuro lá fora, não tinha o menor ânimo para levantar e ir para aquela escola de playboy mimado que usa chinelo com meia. Levantei mesmo assim.

Aproveitei o frio que fazia em São Paulo para cobrir meu cabelo com um capuz, sabia que aqueles babacas iam me zoar. Mesmo assim, cobrir meu cabelo não os impediu. Chegando ao colégio, ouvi coisas do tipo “e aí, cabelo de bombril?”, “cabelo ruim é igual bandido, ou está preso ou está armado” e “e essa juba aí?”. A mesma coisa de sempre, nem para esses mauricinhos variarem o insulto de vez em quando.

Tinha acabado de sair da aula de Geografia, logo antes do recreio, passei no corredor em direção ao banheiro, e um desgraçado próximo ao bebedouro, que enchia sua garrafa Stanley decidiu inovar, jogou toda a água da sua garrafa na minha cabeça. Nunca fiquei com tanta raiva, parti para cima dele e o empurrei no chão. Eu me considero uma

pessoa com uma grande falta de sorte, mas, naquele momento, para piorar, logo atrás de mim apareceu o coordenador da escola. Tentei me explicar para ele, mas em quem ele acreditaria? Em mim, aluno negro e bolsista, ou no filhinho de papai que paga uma fortuna para estudar naquela escola? Só sei que eu saí da escola naquele dia com uma carta de suspensão. E o outro menino? Nada.

Aqueles quatro dias em casa me fizeram refletir muito. Zezinho, filho do zelador e o outro garoto negro da escola, foi o único a me visitar. Jogávamos Fifa o dia todo e, se não jogávamos, pensávamos em como eu poderia me vingar. No penúltimo dia de suspensão, estava na sala com Zezinho, tinha acabado de ganhar dele de 5 x 2 no jogo rápido, Real Madrid contra Manchester City, quando tive a brilhante ideia:

— E se raspássemos a cabeça de todos aqueles filhos da mãe?

— Seria genial — riu Zezinho.

— Tô falando sério. Eles vão pagar pelo que fizeram.

Zé fechou a cara.

— Isso é loucura!

Depois de horas tentando convencer meu amigo, consegui suborná-lo. Falei que arranjaría para ele a Helena, minha prima e paixão de Zezinho. Agora só precisávamos de um plano. O pai de Zé tinha uma chave mestra, que dá acesso à escola inteira. Morávamos em um bairro com diversos fornecedores de drogas ilícitas e vimos uma máquina de raspar cabelo de pilha baratinha no Mercado Livre. O plano perfeito! Zezinho pegaria “emprestada” a chave do seu Roberto, invadiríamos a escola de madrugada e colocaríamos “Boa noite, Cinderela” nos bebedouros do nosso andar, todos iriam encher suas garrafinhas que custam mais que meu celular, cairiam no sono e nós iríamos raspar a cabeça de todos, um a um.

Eu e Zezinho estávamos empolgados com o plano, mas sabíamos que não podíamos contar a ninguém. Quanto menos gente soubesse, melhor. Compramos a maquininha e o “Boa noite, Cinderela” com o

dinheiro que tínhamos juntado das mesadas e ficamos de prontidão esperando o momento certo. Finalmente, chegou sexta-feira, dia perfeito para a execução. Na madrugada, quando todos estivessem em suas casas, invadiríamos o colégio. O Zezinho pegou a chave do pai sem levantar suspeitas, e, por volta das duas da manhã, pulamos o muro do colégio com as mochilas carregadas de “equipamento”. Entramos pela porta dos fundos, sorrateiros, o coração disparado de adrenalina.

Conseguimos acessar o andar do Ensino Médio, onde ficavam as salas dos mauricinhos. Na surdina, despejamos o “Boa noite, Cinderela” nos bebedouros e colocamos a maquininha para carregar em uma tomada atrás da lixeira do banheiro. Agora, era só esperar a manhã chegar. Saímos da escola com a sensação de missão cumprida. No dia seguinte, chegamos cedo, nos infiltramos no meio dos alunos que entravam pela porta principal. A primeira aula foi normal, mas, no intervalo, todos os Stanleys estavam sendo abastecidos no bebedouro. Era só uma questão de tempo.

Na segunda aula da manhã, foi hilário ver os alunos começarem a bocejar e a cabecear em cima das carteiras. Um a um foram sucumbindo ao sono profundo. Quando o sinal do intervalo tocou e a maioria estava desmaiada, fomos ao banheiro pegar a maquininha. Começamos pelo Matheus, o líder dos insultos. O barulho da maquininha era suave e ninguém notou enquanto dávamos um belo corte careca no rei dos mauricinhos. Em seguida, passamos para os outros. Raspar aquelas cabeças loiras e lisinhas era mais fácil do que eu pensava.

Quando terminamos, corremos para fora da escola. Ríamos tanto que mal conseguíamos falar. Só que, como em todo plano perfeito, algo deu errado. Na manhã seguinte, ao ligar o celular, me deparei com uma enxurrada de mensagens: “Descobriram tudo.” O colégio estava em polvorosa. Zezinho me ligou desesperado: “Mano, eles têm câmeras, estamos fritos!”

E estávamos mesmo. Na segunda-feira, fui convocado à diretoria. O coordenador não precisou dizer muito, o vídeo mostrava tudo. Fui

expulso na hora. Zezinho também. Nossa vingança tinha custado caro, mas sinceramente? Eu faria tudo de novo.

Às vezes, a gente precisa perder para aprender, e foi isso que eu e Zezinho fizemos. A experiência nos mostrou que a revolta, por mais compreensível que seja, pode sair caro se não for pensada até o fim. Naquele colégio, eu nunca mais pisei. Mas a lição que ficou foi que a justiça tem que vir de formas melhores, não pela impulsividade. O bullying que sofri me marcou, mas a cabeça raspada daqueles mauricinhos vai marcar a vida deles também. ●

## Beatriz de Paula

### Olho mágico

Após um longo dia trabalhando, um dia pacato, em um emprego sem graça, sem novidades, em um lugar em que nada interessante acontece, nada é descoberto como em um laboratório científico, nada é criado como em um estúdio de música, Lila apenas se senta em um escritório e computa números o dia inteiro, sem um propósito nem nada, nem sabe para que faz isso, apenas sabe que fazendo vai conseguir dinheiro e sobreviver.

Ao final de mais um dia comum, volta para sua casa, pensando na única coisa em que pensara o dia inteiro: sentar-se no seu sofá novo e assistir a um filme. No caminho, olha para o fim da rua e repara na sombra de uma criatura grande e robusta, com dois chifres saindo da cabeça, parada sobre quatro patas. Automaticamente seu corpo começa a estremecer e um medo domina seu interior. Ouve um som muito abafado vindo da direção deste bicho e pensa que ele está machucado. Superando todo o pavor que dominava suas pernas paralisadas, ela começa a caminhar na direção do ser.

Quando fica cara a cara com esse animal, percebe que de forma alguma é um ser assustador, mas apenas um touro, bem peludo e bem alimentado, com um pequeno topete na cabeça. O animal está machucado, com um pequeno corte na perna. Os olhos da criatura ficam fechados o tempo inteiro em que a moça o ajuda, ele só os abre quando Lila acaba de limpar o ferimento com o resto da água que estava na sua garrafa. Ela repara em algo de diferente nos olhos, há um vazio profundo neles, mas de repente eles começam a brilhar e vão daquele breu em que não se via nada a um tom tão claro que brilha mais forte que o sol do meio-dia durante o verão nordestino. Assim, a mulher passa a não enxergar mais nada em meio àquele clarão e desmaia.

Quando acorda, depara-se com um mundo coberto de cores vivas, que ofuscam tudo e quase a cegam. Vê criaturas assustadoras, além de gigantes, tartarugas e baleias voando em um céu verde como a cor da grama após a chuva, e camaleões gigantes caminhando livremente sobre um chão azul como céu em um dia ensolarado. A jovem fica extremamente assustada. Entrando em pânico, começa desesperadamente a procurar um jeito de sair dali, mas, ao olhar à sua volta, avista apenas a 1 km de uma caverna escura. E, então, corre em disparada como nunca havia feito antes, escondendo-se no interior deste lugar misterioso.

A moça só não sabe de um pequeno detalhe: uma criatura muito feroz está hibernando na caverna há mais de um século, a Bilogá. Infelizmente, Lila a desperta com sua brusca chegada e aquela respiração ofegante. A criatura não é lenta e, logo ao acordar, já ergue seu imenso corpo, com pele de uma cobra, corpo de um dragão e olhos de dinossauro, e, então, sai em disparada para fora da caverna, indo em direção à parte baixa da montanha.

Enquanto isso, a mulher está encostada na parede com uma cara de quem acabou de avistar... exatamente o que ela tinha visto! A moça desesperada e com a respiração mais ofegante do que nunca, à beira de um ataque cardíaco, começa a ouvir gritos desesperados e agonizantes vindo do pé da montanha abaixo da caverna. Quando se dispõe a pôr a cabeça



para fora, se depara com um céu avermelhado, não vê mais as criaturas voando, as cores já não ofuscam mais seus olhos, se o cenário anterior a assustava, este estava ainda pior.

Assustada com o que está acontecendo, olha para baixo por curiosidade e se depara com criaturas correndo e sendo pisoteadas e devoradas pela Bilogá. A jovem começa a sentir culpa e se sente mal pelas criaturas, mas, ao mesmo tempo, não tem a mínima ideia do que fazer para ajudar. E, então, apenas se senta em uma pedra ao lado da caverna e olha para o chão, triste, sem saber o que fazer.

De repente, uma baleia majestosa surge dos céus e, com um olhar carinhoso, vai para a frente da menina e encara Lila. Apesar de seu imenso tamanho, encosta sua barbatana no ombro da jovem, tentando confortá-la. De alguma forma, Lila consegue ouvir os pensamentos da baleia, essa, que está tentando se comunicar com ela, revela para ela que há um jeito de salvar este mundo. A moça precisa partir em uma aventura épica em busca do lendário Touro Bob. De acordo com uma antiga lenda, esse touro é a chave para equilibrar o mundo e conter o monstro desesperado.

Equipada com sua coragem, Lila monta na baleia voadora e parte em sua jornada. Ela viaja por várias planícies, enfrenta perigosas tempestades causadas pela presença da Bilogá, que desequilibra a ordem mítica deste lugar e conhece seres mágicos que a guiam até o touro. A cada desafio que supera, seus laços com a baleia e com os outros animais do local crescem, tornando-se essenciais para sua sobrevivência nesta realidade tão diferente da sua.

Após adentrar na floresta mais densa e atravessar as mais fortes correntezas, finalmente ela encontra o Touro Kevin. É uma criatura imponente, com olhos que brilham como estrelas. Ela pede ao touro que selasse o monstro novamente em sua caverna, para poder restaurar a paz no mundo alternativo.

Com coragem e determinação, Lila enfrenta a Bilogá enquanto o Touro Kevin usa seu poder para enfraquecê-la. Com trabalho em equipe e a força da conexão com os animais, Lila triunfa sobre o monstro e restaura a harmonia nesse mundo.

Com o dever cumprido, o Touro Kevin concede a Lila um pedido final antes de voltar à sua casa e continuar sua rotina. Lila pede um pequeno globo de neve em que ela pudesse observar o mundinho sempre que quisesse, ela o colocaria em sua estante, onde pudesse vê-lo todos os dias. Com o dever cumprido, o touro retorna à sua tranquilidade e Lila voltou para casa, com uma incrível jornada e uma amizade única com as baleias voadoras, que ela nunca esqueceria. O mundo está seguro novamente graças à bravura de uma jovem determinada que ousa embarcar em uma aventura extraordinária. ●

## João Pedro Paz

### Troia

Naquele dia, tudo parecia ocorrer normalmente, até que o jovem recebeu uma ligação enquanto ia a pé para a escola. Apenas um segundo de distração foi necessário para que tudo acontecesse. Caiu num buraco que estava aberto na calçada e apagou. Quando acordou, ainda estava um pouco atordoado, não estava enxergando direito, mas, ao abrir os olhos, entendeu o que estava acontecendo. Ele percebeu que não estava mais na sua cidade, mas sim em um lugar muito distante e em outro tempo.

O garoto tinha caído num bueiro que o teletransportou por vários milênios no tempo para a Grécia Antiga, já que, de lá de cima da muralha, a única coisa que ele conseguia ver era um cavalo de madeira gigante. Foi aí que caiu a ficha: ele estava na cidade de Troia, no momento exato em que o cavalo estava sendo levado inocentemente para dentro dos muros, 1200 anos antes de Cristo. Os guardas da torre o viram, e ele foi preso instantaneamente.

Alguns momentos depois, de dentro do calabouço, ele e um velho que estava junto a ele ouviram gritos. Ele percebeu que aquilo havia co-

meçado e estava acontecendo. A batalha tinha acabado de começar. Em vez de entrar em pânico, o garoto se voltou ao fato de como ele tinha ido parar ali, naquele tempo e naquele lugar.

Em meio a isso, ele descobriu, ao conversar com seu companheiro de cela, que debaixo do castelo do rei havia um lago místico, que tem o poder de transportar uma pessoa para qualquer lugar do tempo e espaço. Foi ali que ele descobriu o que o tinha abduzido para lá, já que na ligação que ele fez, antes de cair, estava falando do trabalho que tinha feito com seu amigo, que iria terminar no dia, sobre a Grécia Antiga. Devido a isso, ao cair no portal, foi este lugar que foi identificado como destino do transporte. Ele pôde concluir que, para poder voltar ao seu tempo e cidade, teria que acessar o lago, só que, antes, ele teria que sobreviver à Guerra de Troia.

O velho disse com um tom de compreensão: “O lago místico sob o castelo é a chave para sua volta, mas você precisará enfrentar a guerra para alcançá-lo”. O jovem sabia que, para sobreviver e encontrar o lago, teria que ser astuto e corajoso. Ele precisava se infiltrar nos eventos da guerra sem chamar a atenção indesejada. Assim, quando os gritos das batalhas começaram a ecoar pelas ruas de Troia, ele aproveitou o caos para escapar do calabouço.

Utilizando os conhecimentos de sua própria época e as dicas fornecidas pelo velho, ele conseguiu se misturar aos soldados troianos. O jovem percebeu rapidamente que a guerra estava em plena ebulição, com as forças gregas se aproximando das muralhas da cidade. Ele utilizou sua astúcia para não ser identificado como um inimigo, fingindo ser um soldado auxiliar.

Durante os dias seguintes, o jovem teve a oportunidade de observar a batalha de perto. Ele viu o gigante cavalo de madeira sendo arrastado para dentro da cidade e começou a entender a complexidade do conflito. O que ele sabia era que, para alcançar o lago místico, precisava encontrar uma maneira de descer até os subterrâneos do castelo.

A chance surgiu quando um grupo de soldados troianos, buscando uma rota mais segura para reforços, o levou a uma entrada secreta no castelo. Com o conhecimento que o velho sábio lhe havia passado, o jovem conseguiu evitar os caminhos mais perigosos e, em vez disso, seguiu uma trilha que o levou diretamente ao lago místico.

Finalmente, ele chegou à caverna subterrânea onde o lago estava escondido. A água do lago brilhava com uma luz mística e parecia vibrar com uma energia sobrenatural. O jovem não perdeu tempo e, depois de fazer uma última verificação para garantir que estava seguro, mergulhou nas águas profundas e cintilantes.

Assim que mergulhou, sentiu uma sensação de leveza e desorientação, como se estivesse sendo puxado em uma correnteza de tempo e espaço. O lago o transportou de volta para seu tempo e lugar de origem, e ele emergiu em uma rua familiar da sua cidade.

Enquanto o jovem se recuperava do choque da transição temporal, uma sensação de gratidão e alívio o envolveu. Ele sabia que o que havia vivido era algo extraordinário, e, embora a guerra e a aventura fossem agora parte de seu passado, sentia que tinha adquirido uma nova perspectiva sobre a vida.

Ele decidiu guardar sua experiência como um segredo precioso, uma lembrança pessoal que moldaria seu futuro. A guerra de Troia e o lago místico se tornaram uma parte íntima de sua jornada, uma história que ele carregaria consigo, não como um conto para contar, mas como um símbolo de sua própria coragem e resiliência. ●

## Rodrigo Horn

### Areia

— Não chegue mais perto de mim! Aproveite que eu estou de bom humor e fuja igual um cão covarde — diz um pequeno garoto, loiro, de olhos azuis e com uma estatura mediana, para um policial. Em uma tentativa de acalmar a criança, ele se aproxima de forma cautelosa, se abaixa e pergunta:

— Calma, juvenzinho, o que aconteceu? Do que você está fal... — no meio de sua frase ele é interrompido por uma nuvem de areia que arranca sua cabeça.

A criança, então, fala enquanto passa pelo chão, agora sujo com o sangue do policial:

— Eu tentei te avisar.

Ryan é um jovem um tanto quanto incomum. Quando retirado do ventre de sua mãe, ele nem teve a oportunidade de conhecer sua família. Foi diretamente levado a uma sala isolada do hospital, na qual realizavam experimentos em crianças com um novo medicamento que havia sido desenvolvido. Acabou que esse medicamento era uma espécie de antídoto que deveria dar poderes para humanos, mais de 100 mil

crianças foram cobaias só em um mês, e esses testes já estavam ocorrendo havia 1 ano, com uma taxa de eficácia de aproximadamente 1 a cada 10 mil crianças. Para a infelicidade de todos, Ryan foi um desses a dar certo. Porém, com ele foi um pouco diferente: no dia em que foi levado ao laboratório, uma tempestade de areia estava acontecendo na cidade e, por conta de um descuido, alguns grãos de areia entraram no frasco do soro e se dissolveram. Como resultado desse descuido, hoje Ryan possui total controle sobre qualquer tipo de areia, além de ser protegido por ela — e, para alguém que vive nos Emirados Árabes, isso é bem interessante.

O que no início era um grande problema, veio a ser muito útil para Ryan. Quando os poderes dele começaram a aparecer, um trauma muito grande foi gerado, pois o controle da areia não tinha sido dominado totalmente por ele por conta de ser uma criança e, em uma tentativa de brincar com seus pais, ele acabou brutalmente assassinando os dois, o que o aterrorizou por muito tempo.

Sem ninguém ao seu lado para lhe ensinar a ser um cidadão do bem, ele acabou desenvolvendo uma personalidade muito narcisista e opressora, de forma que ninguém que era mais fraco tinha o direito de falar com ele. Desde pequeno, ele já furtava supermercados, bancas de jornais e até lojas de brinquedos. Se alguém viesse lhe incomodar, a última coisa que veria era uma nuvem de areia se aproximando. Como ninguém tinha a oportunidade de corrigi-lo, essa personalidade foi só piorando, a ponto de ele começar a mandar nas pessoas.

Ao atingir sua adolescência, ele já possuía um exército de escravos, contando até com outras pessoas que tinham poderes. Com esse exército, diversos atos considerados terroristas foram feitos: roubos em larga escala, extermínio de populações de cidades pequenas, destruição de duas das sete maravilhas do mundo e até um atentado que ocorreu com dois prédios famosos.

Porém, em um dia fatídico, ao tentar escravizar uma pequena cidade no Egito, os seus poderes começaram a falhar. A areia não lhe obedecia mais como antes. Com medo dos outros perceberem e se rebelarem,

Ryan voltou para uma barraca e ficou tentando mexer um monte de areia que tinha se acumulado, falhando miseravelmente diversas vezes. Ele saiu da barraca revoltado e, ao se aproximar do seu exército, sentiu uma pancada vinda do chão. Ao cair, ele percebeu que não havia sido nenhum de seus soldados que lhe haviam ferido, mas sim uma criatura feita de areia com um formato humanoide de uns três metros de altura, que ordenou que o exército antes liderado por Ryan o segurasse.

Apavorados, todos obedeceram e correram para prender Ryan ao chão. Sem entender nada e desesperado por nunca ter treinado para uma situação como essa, ele sentiu a mão de seus antigos subordinados o segurando. Indignado e desesperado, ele perguntou:

— Mas que c@r@lhos é isso? O que está acontecendo?

— Durante todo o tempo, eu tive consciência própria. Quis obedecer para ver o que você iria fazer com tanto poder. Não vou mentir que eu me diverti bastante com todas as nossas brincadeiras, mas infelizmente eu tenho um certo apego por essa vila por conta de um outro humano com quem eu já brinquei e que era mais legal que você — disse a criatura de areia enquanto se alongava.

— E o que você pretende fazer comigo agora? — perguntou Ryan.

— Isso é simples, vou fazer o que fez com todos que eram mais fracos que você e não ficavam quietos — disse a criatura.

Segundos após terminar a frase, Ryan foi mutilado por uma nuvem de areia e pisoteado por todos que antes ele comandava. ●



## Leonardo della Mana

### Um garoto, dois sonhos

Era um garoto de 1,50m, tinha aproximadamente 13 anos e voava baixo no futebol. Ele tinha um sonho: se tornar jogador profissional. Era diferente de todo o resto do time, os torcedores e treinadores diziam: “É um ET, algo sobrenatural, muito diferente de nós, seres humanos.”. Porém, esse garoto chamado Endrick era muito pobre e era incerto seu futuro justamente por causa da grana.

Ele jogava em um time na zona Oeste de São Paulo como atacante, seu treinador o amava demais, não tirava ele de campo de jeito algum. Endrick desde pequeno queria e tinha o desejo de se tornar jogador de futebol — vamos combinar... toda criança tem esse sonho. Até que um dia o mesmo treinador que o amava e não o tirava do campo teve que lhe dar a notícia de que ele teria que ser dispensado do time da ZO sem nenhum motivo.

Depois desse dia, Endrick passou três anos parado, sem jogar por um time, apenas treinando em seu barraco com seu pai. Até que um dia ele recebeu uma ligação muito estranha de uma moça que se chamava Leila Pereira de outro time da Zona Oeste, falando que o time queria ver o menino jogando e talvez recrutá-lo para o time profissional.

Lá se foi Endrick, com seu par de chuteiras velhas de baixo do braço e seu pai ao lado. Pegaram 4 ônibus para chegar ao local. Na porta, estava escrito "O maior campeão do Brasil", você leitor já deve saber qual time é...

Chegando lá, o garoto fez uma série de testes físicos e futebolísticos e... advinha? Lembra que eu tinha dito que ele era um ET... O talentoso passou no teste, estava aprovado e apto para jogar na Sociedade Esportiva Palmeiras.

Lá ganhou vários títulos, dois paulistas, dois brasileiros, duas supercopas, uma libertadores, dentre outros muito importantes também. Isso tudo com apenas 16, 17 anos. A torcida o amava, ele fazia gols como os de Pelé em sua época no Santos.

Se passaram 2 anos desde então, ganhando títulos atrás de títulos, sua família que antes não conseguia ter dinheiro para nem sequer comer conseguia agora ter uma casa própria, roupas, comidas de monte. Todavia, o menino de ouro não estava completamente feliz ainda. Eu não disse isso antes, mas ele tinha outro sonho, jogar pela seleção brasileira de futebol... e advinha, leitor?

Em uma tarde ensolarada, ele recebe um telefonema de um tal de Dorival Júnior, técnico da seleção brasileira... O resto pessoal, É HISTÓRIA ●

## Pedro Barcha

# Os fatores que nunca conspiram a favor

Era cedo quando eu saí de casa rumo ao jogo. Pedi um Uber até a estação Vila Madalena, deu 15 reais, preço justo. Faltava uma hora pra começar quando eu tinha desembarcado na Barra Funda, o metrô e os bares da Palestra Itália já estavam lotados, o som da bateria e do bumbo já tomava conta dos arredores, e o cheiro de maconha também se impunha no ambiente.

O jogo era determinante pro restante da temporada. O que acontecesse dentro das 4 linhas nos 30 minutos seguintes definiria o humor do palmeirense pro restante da semana.

Depois de pegar uma fila consideravelmente grande para adentrar no estádio, lá estávamos nós, esperando ansiosamente pelo início da partida. Os times entraram em campo, os capitães saudaram suas respectivas torcidas, e finalmente o homem de amarelo autorizou o início do jogo.

No primeiro lance do jogo, bola na trave deles. Os 40 mil que até então estavam ansiosos, otimistas e confiantes já não eram mais os mes-

mos de 30 minutos antes. Para piorar, o árbitro inventou um toque na perna do nosso zagueiro.

“Seu arrombado!”

“Contra a gente é sempre assim!”

Era escanteio deles.

Embora a bola na trave e o escanteio a favor do adversário tivessem acontecido em apenas 5 minutos de jogo, dentro do estádio o clima que estava instaurado dava a entender que o futuro de toda essa gente dependia do destino dessa maldita bola.

Bola alçada na segunda trave, o desgraçado do ponta de um metro e sessenta do rival dá um jeito de se jogar na bola e alcançá-la antes de ambos os nossos zagueiros. Inacreditável. Gol deles.

Só com a gente essas coisas acontecem.

Eu poderia gastar mais umas 50 linhas descrevendo e esmiuçando os detalhes dos pavorosos 60 minutos que sucederam o gol sortudo e fortuito do oponente, mas não o farei. Em vez disso, resumi-os-ei em poucas palavras: um conglomerado de decepção, raiva e indignação que corroía todos os presentes, causado principalmente pelo antijogo praticado pelo adversário e pela incompetência do time da casa.

Apesar disso, o clima nada positivo que se instaurou no ambiente, de alguma forma, enfureceu o torcedor palmeirense, que já não sabia se torcia mais pelo seu time ou contra as adversidades da peleja que pareciam nunca conspirar a favor. A equipe parecia sentir o empurrão da multidão presente e faltando 5 minutos para acabar a partida, gol nosso.

As arquibancadas do antigo Palestra Itália viraram um verdadeiro manicômio, o barulho ensurdecador que ecoava no estádio exercia clara influência sobre os 22 atletas no campo. A incompetência do time, os fatores que nunca conspiram a favor somados ao orgulho de ser palmeirense e o desejo incessante de vitória resultaram num grito e numa vibração que mais parecia com um desabafo do que uma própria comemoração.

Após o gol, um massacre. Os jogadores pareciam compartilhar o sentimento de vingança e desabafo dos aficionados.

O adversário? Apavorado.

No último lance, falta a favor do Palmeiras, e parecia ser impossível que não fosse gol. O atleta bate, e a bola caprichosamente acerta a trave, com o goleiro imóvel.

O juiz apita, o jogo acaba. 1x1. ●

## Pedro Salles

### Vínculo

Eu, Robson, tinha quinze anos quando conheci Jorge, um rapaz alternativo de aparência marcante e personalidade enigmática. Com seus cabelos desgrenhados e roupas sempre um pouco diferentes, ele se destacava na multidão, não só pelo estilo, mas também pela sua alegria contagiante. Apesar de ser de poucas palavras, Jorge era um observador atento e tinha um gosto peculiar por música indie e literatura clássica. Ele vivia em um bairro modesto, semelhante ao meu, onde as casas eram simples, mas cheias de histórias.

Era um dia nublado de outono, e o ambiente estava carregado de um clima introspectivo. Jorge decidiu visitar Clarice, uma jovem de beleza encantadora e da mesma escola que ele. A casa de Clarice ficava a poucos minutos a pé da dele, e ele queria aproveitar a caminhada para se preparar para o encontro. No entanto, ao chegar na calçada da casa de Clarice, um acidente inesperado aconteceu. Jorge escorregou e caiu de cara no chão, abrindo um corte na sobancelha e manchando sua camisa branca de sangue. Quando Clarice abriu o portão e viu o estado em que Jorge se encontrava, seu desespero foi imediato.

Clarice, a bela garota de cabelos longos e olhos profundos, era conhecida por sua gentileza e sensibilidade. Ao ver Jorge caído e ferido, seu coração se apertou de preocupação. Ela rapidamente o ajudou a levantar, a expressão de choque era evidente em seu rosto.

— Jorge, o que aconteceu? — sua voz estava cheia de ansiedade.

Jorge, ainda atordoado, tentou responder com um sorriso pálido.

— Eu escorreguei. Não se preocupe, é só um corte.

Clarice o conduziu para dentro de casa, onde ele foi acomodado no sofá da sala de estar. O ambiente era acolhedor, com móveis simples e fotos familiares nas paredes, refletindo a vida tranquila e amorosa de Clarice. Ela imediatamente foi buscar um kit de primeiros socorros, enquanto Jorge tentava se sentir mais confortável.

A situação se agravou quando o pai de Clarice, o sr. Oliveira, entrou na sala ao ouvir o barulho. Ele era um homem de estatura média e com um olhar severo, mas com um coração bom. Ao ver Jorge machucado, sua preocupação se misturou com a raiva.

— O que aconteceu aqui? — perguntou ele, a voz firme.

Clarice começou a explicar o acidente, mas o sr. Oliveira parecia inquieto.

— Precisamos levar Jorge ao hospital, isso pode ser mais sério do que parece — sugeriu ele.

Clarice concordou, embora com um tom de voz ainda trêmulo. Ela ligou para sua mãe, que estava em uma reunião de trabalho, para informá-la da situação. A mãe de Clarice chegou em poucos minutos, uma mulher com uma expressão de empatia e calma, e ajudou a organizar a ida ao hospital.

Durante o trajeto até o hospital, Jorge e Clarice conversaram mais, e ele revelou um pouco sobre sua vida e seus interesses. Clarice, por sua vez, compartilhou histórias de sua infância e o que gostava de fazer nos tempos livres. A conexão entre eles foi se aprofundando, apesar da situação desconfortável.

No hospital, Jorge recebeu os cuidados médicos necessários. O ferimento foi limpo e suturado, e ele teve que usar um curativo grande na testa. Clarice permaneceu ao seu lado, conversando e tentando distraí-lo da dor.

Ao final do dia, quando Jorge estava pronto para ir embora, ele e Clarice estavam mais próximos do que antes. O acidente, embora doloroso e inesperado, acabou servindo como um catalisador para uma amizade mais profunda entre eles. Enquanto deixavam o hospital, Jorge e Clarice trocaram sorrisos, e o vínculo que se formou ali parecia promissor, apesar das circunstâncias difíceis que haviam enfrentado juntos. ●



**Rafael Ohta**

## **As palavras do dragão: a coragem de Clara**

Em uma manhã cinzenta de outono, em uma pequena cidade do interior, Clara, uma menina de dez anos, olhos verdes e cabelos lisos na altura dos ombros, se perdia em pensamentos enquanto observava as folhas secas dançando ao vento. Vinda de uma família simples na qual o pai trabalhava como jardineiro, e a mãe como costureira, Clara era uma sonhadora inveterada, apaixonada por histórias de fantasia e mistério. Sempre carregava um caderno amarelado, onde registrava suas ideias e personagens, mas, cercada por colegas mais extrovertidos, sentia-se invisível na sala de aula. Seu desejo mais profundo era participar do concurso de contos da escola, mas a insegurança a paralisava.

Aquele dia, porém, parecia diferente. Enquanto esboçava um novo conto, uma ideia ousada começou a brotar em sua mente: talvez fosse hora de compartilhar suas histórias. Mas uma voz interna sussurrava dúvidas, prenunciando que o caminho para a realização de seu sonho poderia ser mais espinhoso do que imaginava.

Na escola, Clara se deparava frequentemente com Luana, uma menina popular e confiante, que parecia brilhar em meio aos colegas. Luana sempre tinha um sorriso no rosto, mas, por trás daquela imagem encantadora, havia um certo ar de competição que deixava Clara inquieta. As duas se conheciam apenas de vista, mas Clara nutria um misto de admiração e receio em relação à garota. Quando o anúncio do concurso de contos foi feito, um frio na barriga tomou conta de Clara. Ela sabia que Luana também participaria, e isso a fez hesitar ainda mais.

No dia seguinte, a sala de aula fervilhava com as conversas sobre o concurso. Clara sentou-se ao fundo, ouvindo as risadas e as promessas de histórias incríveis que seus colegas faziam. Enquanto isso, ela se perdia em seus próprios pensamentos, relembando as fantasias que criara. Com um impulso, decidiu que não podia deixar o medo a paralisar.

Na biblioteca, encontrou seu refúgio. A cada página virada, sentia-se mais inspirada. Os personagens que habitavam sua mente ganhavam vida, e a história que escrevera sobre um dragão solitário começou a tomar forma. Mas, em casa, a realidade a aguardava. As dificuldades financeiras da família eram palpáveis, e a pressão para se sair bem na escola aumentava. Clara se questionava se sua paixão poderia realmente levá-la a algum lugar ou se era apenas uma fuga da vida cotidiana.

Nas semanas seguintes, o concurso se aproximava e Clara se dedicou intensamente à sua história. No entanto, um dia, ao entrar na sala de aula com seu caderno, viu Luana cercada por um grupo de amigos, todos rindo e comentando sobre seus próprios contos. O coração de Clara disparou, e, em uma fração de segundo, decidiu que, se quisesse ser ouvida, precisaria ser corajosa. Ela se aproximou do grupo, com a intenção de compartilhar sua ideia, mas as palavras ficaram presas em sua garganta, sufocadas pelo medo do desprezo.

A pressão aumentava, e, a cada dia que passava, Clara se sentia mais isolada. Em um momento de desespero, decidiu que, se não pudesse contar sua história para os outros, pelo menos poderia fazê-lo para si mesma. As noites se tornaram longas, e a luz da sua lâmpada se

misturava com o brilho das estrelas que observava pela janela. Porém, uma semente de esperança brotou quando um professor, percebendo seu talento, a incentivou a se inscrever. Aquela pequena chama a impulsionou a escrever com mais afinco, mas a sombra de Luana continuava a pairar, como um desafio constante.

Finalmente, a data do concurso chegou. Clara, nervosa, segurava seu caderno como um amuleto, pronta para enfrentar seus medos. O auditório estava lotado de alunos e professores, e o coração dela pulsava em ritmo acelerado. Ao olhar para o palco, uma sensação de que tudo estava prestes a mudar a invadiu, mas a voz da insegurança ainda ecoava dentro dela.

Quando Clara finalmente subiu ao palco, a plateia a observava em silêncio. Com as mãos tremendo, começou a ler seu conto, e, à medida que as palavras fluíam, um milagre aconteceu: a timidez foi se dissipando, e a confiança tomou conta dela. A história do dragão solitário.

Ao terminar sua leitura, um aplauso estrondoso ecoou pelo auditório, e Clara sentiu uma onda de alívio e alegria inundar seu coração. Luana, admirada, se aproximou e elogiou sua história, reconhecendo o talento que antes não havia notado. A partir daquele dia, Clara não só encontrou sua voz, mas também fez novas amizades, unindo-se a um grupo de escritores da escola. O medo, que antes a paralisava, agora se transformara em motivação, preparando o caminho para novas aventuras literárias, onde suas palavras poderiam finalmente voar livremente. ●

## Matheus Menezes

### **Baki**

Em uma metrópole vibrante e caótica, onde os ruídos da cidade camuflavam os ecos das batalhas clandestinas, havia um lutador que se destacava por suas habilidades extraordinárias. Baki Nakamura era conhecido por seus movimentos desconcertantes e uma força que desafiava o impossível. Seus combates eram um espetáculo de habilidade e coragem, deixando os espectadores atônitos com suas façanhas quase sobre-humanas. O verdadeiro desafio de Baki, no entanto, não estava apenas em derrotar seus adversários, mas em enfrentar uma prova final que testaria todos os limites de sua capacidade.

Baki começou sua jornada nas artes marciais desde jovem, treinando sob a orientação de mestres renomados e superando limites físicos e mentais. Sua habilidade em combate evoluiu de forma surpreendente, e ele rapidamente se tornou uma lenda nas arenas subterrâneas. Suas técnicas inovadoras misturavam movimentos fluidos com golpes devastadores que pareciam ser tão precisos quanto imprevisíveis.

Em uma competição clandestina, Baki enfrentou lutadores de renome mundial e venceu cada um deles com uma combinação de força

bruta e estratégia refinada. Seu estilo de luta incluía saltos impossíveis, esquivas quase etéreas e uma capacidade de absorver golpes que parecia desafiar a física. No entanto, a busca pela perfeição o levou a um desafio ainda maior: um combate contra um oponente conhecido como “O Invencível”, cuja fama era construída sobre uma série de vitórias ininterruptas.

O torneio que decidiria o campeão era marcado por uma atmosfera elétrica, com espectadores ansiosos e uma arena preparada para o confronto. Baki, apesar da confiança, sabia que esse combate seria diferente. “O Invencível” era conhecido por suas habilidades defensivas imbatíveis e por uma técnica que parecia ser infalível. O desafio para Baki não era apenas vencer, mas encontrar uma maneira de quebrar a defesa do oponente.

Quando o combate começou, Baki demonstrou um controle de corpo e mente sem precedentes. Seus ataques eram como tempestades, com cada golpe se encaixando perfeitamente no próximo. No entanto, mesmo com sua técnica excepcional, “O Invencível” resistia a tudo com uma calma enigmática. No momento decisivo, Baki executou um movimento inesperado — um salto acrobático seguido de um golpe de energia concentrada, algo que ninguém tinha visto antes. O impacto fez a arena estremecer, e “O Invencível” finalmente caiu.

Com a vitória assegurada, Baki levantou os braços em triunfo, não apenas pela conquista sobre seu oponente, mas pelo desafio que superou. Sua técnica inovadora e resistência haviam sido testadas ao limite, e ele se provou não apenas um lutador formidável, mas um verdadeiro artista marcial. O combate com “O Invencível” se tornou um marco na história das artes marciais, e Baki consolidou seu lugar como uma lenda viva, sempre disposto a enfrentar novos desafios e a transcender as fronteiras do possível. ●

## Maria Clara Ribeiro

### O céu no inferno

Em um futuro distante, a Terra é governada pela Ordem Universal, uma entidade que garante a paz e a prosperidade por meio de um controle absoluto sobre todos os aspectos da vida. Cada cidadão tem seu papel designado desde o nascimento, e a felicidade é garantida por uma combinação de medicamentos e tecnologia avançada. A tristeza e a solidão são palavras que não existem ou pelo menos é o que todos são ensinados a acreditar.

Lena vive em uma das Cidades Harmônicas, onde a vida é perfeita, mas estranhamente vazia. Ela é uma produtora de Arte Virtual, uma função que envolve criar experiências visuais e emocionais para o entretenimento das massas. Todos na Cidade Harmônica parecem contentes com suas tarefas e os padrões da Ordem Universal, mas Lena sente um desconforto crescente, uma inquietação que não consegue explicar.

Um dia, enquanto explora os arquivos de dados no trabalho, Lena encontra registros sobre a Era da Divergência — um tempo em que as pessoas viviam de forma independente, antes da Ordem Universal estabelecer seu domínio e controle. As histórias falam de uma época em que as pessoas eram donas de suas próprias escolhas.

Essa descoberta floresce em Lena uma curiosidade e uma revolta silenciosa. Ela começa a questionar a perfeição de sua vida e a existência de tudo à sua volta. Lena começa a se perguntar se a felicidade fabricada pela Ordem Universal realmente existia e se não seria melhor para todos que o mundo voltasse a ser como antes.

Ela começa uma série de pesquisas e descobre um grupo que se reúne nos arredores da cidade. O que ela acredita ser uma fuga para a verdadeira liberdade se revela uma simulação elaborada, uma espécie de “Bom Lugar” do passado, projetado pelos próprios criadores da Ordem Universal. Eles são o experimento científico feito pelo governo em uma tentativa de consertar o mundo.

Ao voltar para a cidade, Lena é surpreendida: o lugar onde ela cresceu estava completamente diferente. É como se as pessoas estivessem drogadas, suas ações não faziam sentido, muitas delas batiam na parede sem parar. Nesse momento, Lena percebe que tudo o que havia vivido não passava de ilusão da sua mente.

A mesma situação se repete diversas vezes, até ela perceber que sempre que voltava da reunião para a cidade, o momento de espanto com a realidade durava alguns minutos, até que ela voltasse a ser a mesma.

Nem sempre a Ordem Universal conseguia controlar da maneira planejada as situações inusitadas. A ideia de mundo utópico se mostrou mais complicada do que imaginavam quando Lena se suicidou ao acordar em uma manhã e ter todas suas memórias devolvidas. Para ela, se tornou insuportável conviver com as lembranças de como o mundo era realmente, o inferno onde deveria ser o céu. ●



VERACRUZ